



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CAMPUS – I
CURSO DE HISTÓRIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA**

**SABERES, MEMÓRIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL: O COCO DE RODA COMO PATRIMÔNIO DE QUEIMADAS – PB**

TIAGO DOS SANTOS FREITAS

Campina Grande – PB

2014

TIAGO DOS SANTOS FREITAS

**SABERES, MEMÓRIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL: O COCO DE RODA COMO PATRIMÔNIO DE QUEIMADAS – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para a obtenção do título de Especialista em
História e Cultura Afro-Brasileira pela
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de
Aragão Araújo

Campina Grande – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F866s Freitas, Tiago dos Santos
Saberes, memória e práticas educativas na educação patrimonial [manuscrito] : o coco de roda como patrimônio de Queimadas-PB / Tiago dos Santos Freitas. - 2014.
67 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Patricia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de História".

1. Coco de Roda 2. Dança Folclórica 3. Prática de Ensino 4. Cultura Afro-brasileira I. Título.

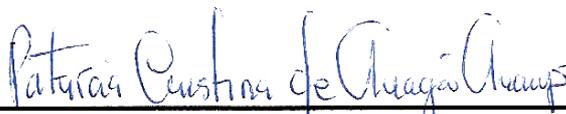
21. ed. CDD 793.319

TIAGO DOS SANTOS FREITAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para a obtenção do título de Especialista em
História e Cultura Afro-Brasileira pela
Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em: ____/____/2014

BANCA EXAMINADORA:



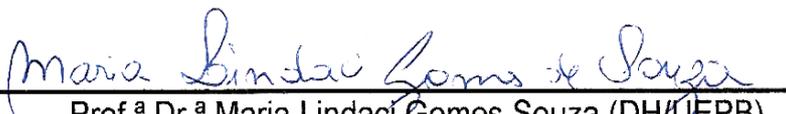
Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de Aragão Araújo (DH/UEPB)

(Orientadora)



Prof. Msc. Alberto Edvanildo Coura Sobreira (DH/UEPB)

(Examinador)



Prof.^a Dr.^a Maria Lindaci Gomes Souza (DH/UEPB)

(Examinadora)

A Deus, primeiramente, que me dá forças nos momentos difíceis.

A minha família, especialmente a minha mãe, que é tudo em minha vida.

Aos praticantes do coco de roda que, com sua arte e seu som, transmitem a sua cultura e seus ensinamentos a diferentes gerações. E com a dança e a música criam identidades, reinventam suas tradições e contribuem para a história local de Queimadas, bem como para a Educação do município.

Aos discentes do 7º ano, à professora Nevinha, à Escola Municipal Antônio Vital do Rêgo e a todos que tornaram essa pesquisa possível, desde o porteiro, Secretaria, pessoal de apoio até a Direção. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Aos professores/as da Especialização do Curso de História e Cultura Afro-Brasileira da Universidade Estadual da Paraíba, que foram os responsáveis pela escrita da minha história e aprendizagem da história africana e afro-brasileira.

A todos que pararam um pouco os seus afazeres, dando-me informações através de suas vivências sobre a história e prática do coco de roda. Agradeço ao senhor Antônio França, a Dona Severina Ferrin, a Geraldo Preto, a sua esposa e a Adilson. Obrigado a todos vocês, pois foram muito importantes.

Aos colegas professores da Escola Municipal Antônio Vital do Rêgo, especialmente à professora Maria das Neves Rodrigues (Nevinha), que abriu espaço de sua sala de aula para lá serem desenvolvidas as oficinas. À amiga e brilhante gestora Rachel Castanha, que acreditou na proposta e proporcionou total apoio na unidade escolar.

Aos colegas da Especialização, que através das discussões em sala proporcionaram a construção do conhecimento e desenvolvimento do Curso. A Elisângela, Yara e Herzom, com os quais tive o prazer de estudar junto novamente. E a minha prima, colega na Especialização e atualmente no Curso de Direito, Kátia.

Por fim, aos amigos e amigas que acreditam no meu potencial, especialmente aos novos amigos do Curso de Direito, Eduardo Felipe, Jorge Luiz Araújo, Paulo Augusto e Maria Auriane, que em palavras e gestos torcem por essa realização.

À professora Patrícia, por sua orientação e atenção durante a minha formação. Agradeço muito pelos conhecimentos adquiridos durante as suas aulas. E pelo incentivo e paciência, com humildade e dedicação, para que pudesse chegar à conclusão deste curso e buscar outros sonhos. Obrigado, sou eternamente grato.

Ao professor Alberto, pela sua contribuição e participação na análise desse trabalho, com suas importantes sugestões, desde o momento em que cursei o componente na especialização.

À professora Maria Lindaci, por sua atenção e sugestões sobre a temática e por suas importantes análises sobre o trabalho. Desde a graduação ela contribui com a pesquisa através de indicações de leitura e aprimoramento da temática.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o coco de roda da cidade de Queimadas – PB, dando visibilidade a essa prática cultural local, que faz parte do patrimônio imaterial da cidade e incorpora os traços da cultura afro-brasileira. Para melhor compreensão enfocamos a história do coco de roda, fazendo uma interface com a escola, por considerar que a dança educa. Trabalhamos com oficinas temáticas em uma escola de Ensino Fundamental II no referido município, proporcionando aos alunos o reconhecimento da cultura local e o sentido de pertencimento. Trabalhamos com a metodologia da história oral conforme Delgado (2006), através de entrevistas para construirmos a história escrita do coco de roda a partir do olhar dos seus praticantes. No trabalho, discutimos o conceito de patrimônio através do olhar de Santiago (2007) e Oriá (2010). Também discutimos identidade a partir de Hall (2000) e tradição segundo Hobsbawn (2006). As discussões sobre memória deram-se à luz de Halbwachs (2006), e para tratar sobre escola e cultura afro-brasileira tomamos por base a Lei N° 10.639/2003 e Pereira (2007). Nesse sentido, procuramos demonstrar a importância do coco de roda para a cultura afro-brasileira e a importância de levar esta dança para a escola, com vistas ao reconhecimento de sua prática pelos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Coco de roda. Patrimônio imaterial. Queimadas. Escola.

ABSTRACT

This paper aims to discuss Brazilian dance coco de roda in Queimadas (Paraíba, Brazil), in order to provide visibility to this local cultural practice which is part of the city's intangible heritage and it also incorporates African-Brazilian cultural features. Aiming to provide better understanding, we focused on Brazilian dance coco de roda history through an interface with elementary school, considering that dance educates as well. We have developed thematic workshops in an elementary school in Queimadas, providing students local culture recognition and belonging sense. We have approached oral history methodology grounded in Delgado (2006), through interviews to build coco de roda writing history through the eyes of its practitioners. Besides, we have discussed heritage concept based on Santiago (2007) and Oriya (2010). We also discuss identity to Hall (2000) and tradition to Hobsbawm (2006). Memory discussions were provided by Halbwachs (2006). Finally, in order to treat about school and African-Brazilian culture, we have used law n. 10.639/2003 and Perreira (2007). Thus, we seek to demonstrate Brazilian dance coco de roda importance for African-Brazilian culture and how relevant it is to bring such dance to school, considering its practice recognition by students.

KEYWORDS: Brazilian dance coco de roda. Intangible heritage. Queimadas (Paraíba/Brazil). School.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Apresentação de coco de roda no município de Queimadas – PB	21
FIGURA 02	Sr. Zé Zuca, criador do coco de roda de Queimadas – PB ...	29
FIGURA 03	Apresentação do grupo de coco de roda em um evento da Secretaria Municipal de Cultura	30
FIGURA 04	Registro fotográfico de um passo de coco furado feito durante uma oficina realizada no Sítio Verdes	33
FIGURA 05	Crianças do Sítio Verdes dançando o coco de roda e mantendo viva a cultura	34
FIGURA 06	A arte do coco de roda a serviço da população de Queimadas – PB	39
FIGURA 07	Colaboradores/as da pesquisa in loco	50
FIGURA 08	Cantadores do grupo de coco, com seus instrumentos	53
FIGURA 09	Alunos/as assistindo à oficina realizada	56
FIGURA 10	Mural da memória, atividade apresentada pelos/as alunos/as durante a oficina	58
FIGURA 11	Sr. Geraldo, ou “Geraldo Preto”, como é conhecido. Um dos líderes do coco de roda de “seu” Zé Zuca	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A PRÁTICA DO COCO DE RODA EM QUEIMADAS-PB: PATRIMÔNIO IMATERIAL E LOCAL DA CIDADE	21
2. A DIMENSÃO EDUCATIVA DO COCO DE RODA EM QUEIMADAS-PB: PROPOSTAS PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO CONTEXTO DA HISTÓRIA LOCAL	39
3. A ESCOLA E O COCO: PRÁTICAS EDUCATIVAS	50
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

A nossa proposta é abordar a dança de coco e suas simbologias como parte integrante da cultura afro-brasileira queimadense, sendo o coco de roda considerado como patrimônio imaterial local, com simbologias e ritmo repletos de traços que remetem à cultura africana.

Deste modo, buscamos dar visibilidade a essa dança tradicional e rica em características próprias, em que as histórias individuais e coletivas alçadas na cidade e as narrativas orais elaboradas por seus/suas praticantes contribuem para o entendimento dessa prática cultural. Desse modo, mesmo que a história da dança de coco não esteja escrita por seus/suas praticantes, buscamos erigir um registro, constituindo uma história a partir desses múltiplos olhares.

O coco de roda não é simplesmente uma dança realizada em novenas ou pelos/as moradores/as do Sítio Verdes¹, em Queimadas-PB. Ele faz parte da história da cidade. E, ao direcionarmos um olhar para a cultura africana, no contexto dessa dança, evidenciam-se detalhes advindos das práticas culturais de origem afro aqui no Brasil. Suas especificidades são eminentes, pois essas características enriquecem a dança, que se perpetua e é ensinada intergerencialmente.

Nesta pesquisa, procuramos entender o universo do coco de roda e seus traços referentes à cultura afro-brasileira, bem como o valor educativo da dança a partir das proposições da educação patrimonial. Isto porque o coco de roda vai além da dança, sendo uma prática cultural capaz de possibilitar uma relação muito importante com a história local, por atender à perspectiva de uma prática educacional estabelecida a partir dele.

Essa temática sempre nos inquietou. Começamos a estudar o coco de roda desde a graduação em História, quando matriculados no componente curricular História e Patrimônio Cultural. Neste componente, foi solicitada uma atividade cujas reflexões e pesquisa eram voltadas para o patrimônio local, buscando elucidar o papel desempenhado pelo coco de roda. E assim, procuramos aprender cada vez mais sobre esse patrimônio vivo que faz parte da história da cidade. Como

¹ Ressaltamos o Sítio Verdes, pois ele tem sido uma referência com relação às questões atinentes ao coco de roda. Entretanto, as práticas desta dança se fazem presentes também em sítios circunvizinhos.

historiadores, procuramos contribuir para a escrita da história dessa importante prática cultural.

Sendo assim, enquanto docentes, buscamos contribuir para dar visibilidade a esse importante patrimônio na cidade e na escola, para que esta rica cultura se mantenha viva. Para que isto aconteça, é preciso desenvolver políticas de educação patrimonial que

possam valorizar os elementos e traços relacionados à cultura afro-brasileira.

Na condição de cidadãos de Queimadas e espectadores do coco, procuramos contribuir para, cada vez mais, essa prática ser valorizada na cidade e em outros Estados, sempre lembrando que o coco em Queimadas tem sua especificidade, uma identidade própria que o torna diferente dos demais. As características do coco são visíveis, mas, devido à localidade e ao cotidiano, a história tem muito daquilo que é vivido pelos seus praticantes, os valores individuais que tornam essa tradição repleta de originalidade.

A pesquisa, cuja abordagem enfoca o coco de roda, contribui para a compreensão da própria história e memória do município, por ser uma prática que perdura por gerações e vive as transformações de acordo com as mudanças ocorridas na cidade. Outra importante contribuição dos estudos do coco de roda para a escola é a discussão em torno da educação patrimonial. Assim, a instituição escolar começa a valorizar a cultura local, mais próxima da realidade dos/as educandos/as.

Acreditamos que esta temática é relevante para os estudos acadêmicos por mostrar que o conhecimento está sendo produzido de acordo com a realidade social elencada para análise. A Universidade deve valorizar as diferentes culturas, sendo o coco uma importante expressão da cultura afro-brasileira integrante das práticas culturais. O coco de roda possibilita muitos estudos e pesquisas sobre a cultura afro-brasileira, pois essa temática requer múltiplos olhares por ainda ser pouco estudada. Sendo assim, buscaremos compreender como essa tradição se mantém viva e o que ela tem de novo, ou seja, o que foi reinventado a partir das ações cotidianas desenvolvidas no grupo, bem como enfatizar suas permanências e continuidades.

Os/as moradores/as do Sítio Verdes são sujeitos que praticam arte e cultura nos seus espaços, buscando ter, cada vez mais, visibilidade na construção de suas identidades a partir de sua realidade. Eles/as reelaboram o passado através da

memória como importante ferramenta do olhar sobre o vivido. O local, para esses sujeitos, constitui, na realidade, lugares de memória, e cada acontecimento é repleto de significados.

Assim como a localidade é um lugar de memória para os/as praticantes do coco, sabemos que só é possível construir a sua história pelos diferentes discursos, dentre eles, os orais, além do recurso das fotografias e, principalmente, da memória. Por esse motivo, investem-se de importância as vivências e experiências, para assim tomarmos a palavra e constituirmos um olhar particular acerca da organização da comunidade e da relação desta com o coco de roda.

Na busca de constituirmos os lugares nos quais a prática do coco de roda se insere, devemos ter o cuidado de perceber que as relações dos sujeitos envolvidos são descontínuas, pois constantemente o grupo é fabricado. Desse modo, consideramos o espaço como um lugar praticado, e, a partir das construções dos sujeitos, produzem-se diversas identidades.

O trabalho discute, no campo do ensino, expressões da cultura através da dança do coco de roda, considerando-a como prática educativa e também como representação da cultura afro-brasileira ressignificada no tempo e reinventada. Os/as praticantes da dança de coco representam expressões da cultura no campo.

O coco de roda, como patrimônio, faz os hábitos cotidianos dos/as participantes serem visíveis, na busca por perpetuar toda a tradição, reavivada na memória dos/as participantes veteranos/as, ou mesmo dos/as mais novos/as, que, a partir da realidade do vivido, preservam, de acordo com sua época, os saberes da tradição na qual o coco de roda foi construído.

A identidade dos/as participantes é construída de acordo com as vivências de cada um/a deles/as. A experiência de uma idosa que, desde criança, participa do coco é diferente daquela de um jovem que começou a dançar de maneira lúdica e que hoje participa ativamente das apresentações do grupo. Toda manifestação cultural do coco traz consigo muitos elementos dos antigos e pioneiros da dança, bem como da nova roupagem influenciada por múltiplos fatores, tornando possível uma reelaboração das tradições reais com as mudanças ocorridas no mundo informacional.

Logo, a identidade é uma construção que vai se formando no coletivo, a partir das características individuais de um povo e de suas relações de pertencimento, fazendo-nos compreender que existem várias identidades, não sendo possível

considerar uma identidade única. Hall (2000, p. 108), refletindo sobre estes aspectos, evidencia que se trata de

um eu coletivo capaz de estabilizar, fixar ou garantir pertencimento cultural ou uma “unidade” imutável que se sobrepõe a todas as outras diferenças, supostamente superficiais. Essa concepção aceita que as unidades não são unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas.

Nessa perspectiva, a identidade é evidenciada como um conceito capaz de possibilitar várias interpretações, podendo ser mobilizada como uma maneira de se auto definir no grupo. Desse modo, é gradativamente mais comum a existência de grupos que se identificam em prol de um objetivo comum. Por isso, muitos são chamados de grupos sociais e culturais.

Essas identidades lutam cada vez mais por reconhecimento, seja na sociedade ou entre si. Nesse sentido, a ideia de pertencimento se estabelece, criando-se laços afetivos no grupo. Negros/as, homossexuais, mulheres, todos/as atuam como sujeitos sociais que lutam em prol da melhoria do grupo no qual estão inseridos/as, em busca de um melhor reconhecimento por parte da sociedade.

Nesse diapasão, a cultura é reelaborada de acordo com a vivência de cada um/a. Mesmo a prática do coco sendo repleta de elementos próprios da cultura afro-brasileira, ela sofre influências externas, capazes de mudar os comportamentos e costumes do próprio grupo a partir dos ensinamentos obtidos por gerações anteriores, que já vinham desenvolvendo esta prática. As diversas gerações da localidade aprendem a valorizar o coco de roda e todas as comemorações, sempre convidando os/as dançadores/as e a banda de pífanos para animar as festas.

A partir da renovação da História, novos olhares surgem, principalmente ao pensarmos no local e no regional, que passam a discutir temáticas mais caras aos sujeitos, os quais se auto identificam por existir uma relação muito próxima com a sua realidade.

A escola, por exercer uma função social, contempla conteúdos que abordam os diferentes modos de vida, sejam do presente ou do passado, de um determinado espaço. Assim, as temáticas são mais familiares e proporcionam um sentimento de grupo. Os/as alunos/as passam a registrar as marcas deixadas pelas gerações

antecessoras através das diversas fontes, as quais eles/as mesmos/as pesquisam e com as quais passam a ter contato.

Ao pensarmos na proposta de trabalhar na escola com a temática do coco de roda, um dos primeiros pontos a suscitar a reflexão foi o ensino de História inovador, abordando a cultura como uma expressão educativa, a partir da qual o/a aluno/a se torna capaz de estabelecer uma relação com o vivido, com a tradição e a memória dos seus familiares ou grupos da comunidade pelas diversas narrativas históricas. Dentre elas, figuram as dos/as próprios/as discentes, que também podem compartilhar suas experiências.

Nesse sentido, ao trabalharmos com a memória individual ou coletiva, buscamos uma construção do pensamento histórico sobre aquela realidade. Evidentemente, isto é feito sempre mediante o questionamento, pois a memória é seletiva e se torna necessária uma problematização, posto que carrega muitas subjetividades.

Ao levarmos o coco de roda para a escola, nosso objetivo era abordar as tradições africanas no Brasil e, principalmente, tratar a prática do coco como patrimônio da cidade. Desse modo, construímos uma teia de significados pela dança, ritmo e simbologias, envolvendo os/as dançadores/as, a comunidade e a cidade, dentre outros olhares.

Assim, o acesso a esses valores muito significativos justifica o seu estudo na instituição escolar, pois se trata de algo próximo da vivência dos/as alunos/as. Isto porque, para muitos/as, o contexto do coco de roda faz parte de suas vidas, embora esta prática não seja vista com o devido valor.

Enfim, diante dessa conjuntura, a escola possibilitou-nos abordar o coco de roda enquanto patrimônio. Ademais, ao aplicarmos conceitos da preservação dessa rica cultura, a partir da metodologia da educação patrimonial, despontam as especificidades e as representações da cultura africana e da cidade, as quais se tornam interessantes para os/as alunos/as, que passam a valorizar e articular a história local com as suas particulares.

A realidade dessa abordagem foi conduzida numa escola de Ensino Fundamental II do município de Queimadas. Através de oficinas pedagógicas e utilizando metodologias práticas, os/as alunos/as envolveram-se e participaram ativamente das atividades desenvolvidas. Também foram realizadas oficinas na localidade onde a dança do coco é tradicional, com o apoio do Ponto de Cultura

Municipal, que, por sua vez, também desenvolveu oficinas na localidade onde se encontram os/as moradores/as e praticantes da dança há muitos anos.

No decorrer das oficinas, foram trabalhados didaticamente o conceito de *patrimônio* com exemplos do cotidiano. Além disso, abordamos a importância da preservação dos patrimônios locais através da educação patrimonial, bem como as características da cultura afro-brasileira.

Essa abordagem contribui para a inserção, na escola, da lei n. 10.639/03, que busca propiciar a valorização da história e cultura afro-brasileira. Essa iniciativa favorece, na perspectiva do/a aluno/a, refletir sobre a importância de cada sujeito em sociedade, respeitando a pluralidade étnica de nosso povo diante de uma identidade multicultural, como existe no país.

Enquanto historiadores, buscamos a diminuição da distância entre nós e o objeto através do trabalho etnográfico. Passamos a abordar sociedades distintas da nossa, com vistas a atribuir sentido ao presente e construir o passado com as experiências do vivido. Assim sendo, consideramos o lugar do vivido através de suas experiências.

Neste trabalho, consideramos cultura como os aspectos espirituais da comunidade, além de conhecimentos e crenças, arte, moral, leis e costumes adquiridos pelo sujeito na tessitura social através de suas relações humanas. Laraia (2009) apresenta como Edward Tylor (1832-1917) sintetizou o vocábulo inglês *Culture*:

[...] tomando seu amplo sentido etnográfico [a palavra *culture*, ou cultura] é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (LARAIA, 2009, p. 25).

A cultura se traduz como um conceito muito amplo. No decorrer da História, muitos/as estudiosos/as procuraram dar a sua contribuição no sentido de delimitá-lo melhor. Podemos ressaltar, no entanto, a Antropologia como a área que, dentre as demais, vem propondo explicações com mais respaldo para o referido conceito. A cultura, a partir de suas simbologias, é rica por considerar diversos elementos. Entre eles, figuram as tradições que representam um valor.

Nesse sentido, a cultura afro-brasileira, a qual incorpora símbolos e traços da cultura africana no Brasil, pode se valer do conceito de cultura, principalmente porque essa temática é estudada por diversos campos, dentre os quais a Etnologia, a Sociologia, a Linguística, a Antropologia e a História.

Desse modo, a cultura, conforme aponta Geertz (1978), é uma teia de significados. Isto nos credencia a caracterizar os valores da cultura afro-brasileira como riquíssimos em simbologias e elementos capazes de evidenciar as contribuições e apropriações da cultura africana. Nesse diapasão, diante dos olhares dos diferentes campos de estudo, poderemos aquilatar e apresentar a importância dos estudos da cultura, enfatizando a cultura afro-brasileira.

O trabalho com o coco de roda está inserido nos estudos culturais, no âmbito dos quais se percebe a interpretação das culturas populares através dos estudos de Stuart Hall, que ressalta o processo de construção das identidades e subjetividades dos sujeitos envolvidos.

Considerando a educação, a partir do ensino de história e cultura afro-brasileira, buscamos apresentar a identidade, os desafios e dilemas da sociedade contemporânea. Assim, desponta a necessidade de o/a professor/a incluir na agenda educacional a abordagem das diferenças culturais em suas práticas educativas.

Atento a essas transformações, o campo da educação também tratou de observar essa nova aceitação teórica e política. Uma das consequências mais visíveis desse movimento foi a proliferação de discurso em prol da proposição dos currículos como narrativas étnicas, raciais, de gênero, em suma vinculada a perspectivas identitárias e diversas (ALMEIDA & BRACHT, 2008, p. 86).

A presente pesquisa teve, como objetivo geral, apresentar o coco de roda como um patrimônio, delimitando seus traços com a cultura afro-brasileira. Como objetivos específicos, buscou visibilizar a história desta dança através da memória e da relação com a história local, bem como abordar as experiências vividas na escola a partir de oficinas pedagógicas, além de apresentar a importância da educação patrimonial com vistas à valorização do patrimônio material e, designadamente, o imaterial.

A título de abordagem metodológica para o desenvolvimento da pesquisa, trabalhamos com a história oral, tendo como fonte as narrativas dos praticantes do

coco de roda. Para tanto, realizamos entrevistas com os praticantes da dança e com as demais pessoas envolvidas com o grupo, a exemplo dos integrantes da Secretaria Municipal de Cultura, através do Ponto de Cultura. A história oral foi útil por trabalharmos com entrevistas semiestruturadas. Ademais, mobilizamos a análise de documentos oficiais, oriundos da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), além de legislações e imagens.

A pesquisa com história oral mostrou-se sobremaneira relevante por nos possibilitar a percepção dos olhares sobre o patrimônio imaterial de alunos/as e professores/as, além de fomentar a reflexão acerca do papel da escola para concretizar a educação patrimonial. Através da história do coco, é possível concretizar na escola, de maneira lúdica, o reconhecimento da prática cultural, através de atividades didático-pedagógicas como a realização de oficinas e a exibição de slides e vídeos.

Na pesquisa, trabalhamos com a metodologia da história oral para a construção de fontes e documentos da história vivida dos/as praticantes do coco. Recorremos à oralidade como um meio para a produção do conhecimento histórico através da memória. Para Delgado (2006, p. 18),

[...] a história oral é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participam de processos históricos ou testemunham acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva. Objetiva a construção de fontes ou documentos que subsidiam pesquisas ou formam acervos de centros de documentação e de pesquisa. Não é a História em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória.

Destarte, a memória busca contemplar personagens da História através de seus testemunhos e suas visões enquanto personagens, conforme ocorreu diante da realização das entrevistas com os/as praticantes do coco de roda. Preferimos trabalhar com a história oral mesmo sabendo da dificuldade de registrar, transcrever e socializar as narrativas dos depoimentos dos/as entrevistados/as. A despeito de quaisquer percalços, as narrativas foram primorosas para a construção do nosso trabalho e, assim, apropriamo-nos das histórias individuais e das lembranças para manter viva e atualizada a história do coco de roda de Queimadas.

A pesquisa partiu de quatro etapas, através da pesquisa bibliográfica e historiográfica sobre o tema e da teoria que lhe confere sustentabilidade, por meio da história e cultura afro-brasileira. Em campo, coletamos dados sobre o grupo e gravamos os depoimentos dos/as colaboradores/as, utilizando-nos de questionamentos previamente elaborados. Em seguida, dirigimo-nos até a unidade de ensino, onde conversamos com a gestora sobre a viabilidade de colocarmos o projeto em prática.

Após o aval da gestora, conversamos com a docente, que ficou muito interessada e nos recebeu em sua sala de aula. Conversamos sobre a temática do patrimônio e sobre as ações a serem desenvolvidas na escola, bem como a escolha da turma para o desenvolvimento das oficinas e o planejamento de como seriam realizadas as oficinas, em quais horários e dias. Posteriormente, planejamos como seriam desenvolvidas as atividades e a participação dos/das alunos/as, da professora e do pesquisador.

Após a realização das oficinas, foi feita a análise do resultado das entrevistas e das ações na prática, diante da participação dos sujeitos envolvidos na pesquisa e dos/as praticantes do coco de roda, levando em consideração o fator faixa etária, dada a presença de homens e mulheres idosas, além dos/as alunos da escola pública lócus da pesquisa.

No primeiro capítulo, discutiremos como o coco de roda de Queimadas representa o patrimônio imaterial e de que forma, através da memória, podemos construir a história dessa importante prática cultural rural, que durante muitos anos representa a cultura da cidade e também sua comunidade, dispondo de características próprias e de muitos traços da cultura africana.

No segundo capítulo, abordamos o coco de roda como prática educativa, a partir da qual os/as praticantes da dança, com toda a sua sabedoria popular, educam. Abordamos também a escola como difusora da educação étnico-racial e o aporte das legislações, como, por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a lei n. 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares para a Educação Étnico-Racial. Por fim, elencamos os passos da vivência no espaço escolar.

No terceiro capítulo, apresentamos o coco através dos aspectos da religião, do som e das vivências na escola durante a prática das oficinas, além das experiências dos/as praticantes da dança e dos olhares sobre a ação na escola. E as experiências do ensino da cultura afro brasileira na prática escolar através da

experiência vivida pelos alunos, professores, através de atividades práticas e de olhares dos que vivem cotidianamente a rica prática do coco de roda do município de Queimadas- PB.

CAPÍTULO I

A PRÁTICA DO COCO DE RODA EM QUEIMADAS-PB: PATRIMÔNIO IMATERIAL E LOCAL DA CIDADE

FIGURA 01: Apresentação de coco de roda no município de Queimadas-PB.



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

*Chorei, chorei
Chorei, não choro mais
Eu também estou chorando
Mas também não choro mais*

*Eu choro por tua mãe
Mas não choro por teu pai
Tua mãe é bonitinha
Mas, teu pai é fei demais.*

(Domínio público)

Nesse primeiro capítulo, trataremos da importância do coco de roda para a cidade de Queimadas e a sua relação com o patrimônio imaterial, bem como o olhar que se volta para esta prática cultural. O coco de roda de Queimadas é uma prática cultural desenvolvida na área rural do município. Esta prática é plena de signos e rica em tradições de diferentes gerações. Neste estudo, buscaremos inserir o universo do local através das metodologias e de pesquisas orais, por meio de relatos dos/as moradores/as da localidade, além dos/as praticantes do coco de roda. Assim, pretendemos compreender as vivências, procurando visualizar gestos, hábitos e costumes, relações sociais, econômicas e identitárias de pertencimento à comunidade com os/as praticantes da dança, incluindo as táticas para preservar essa prática do vivido em suas memórias.

Pretendemos discutir sobre a dança de coco de roda no município de Queimadas, visibilizando-a como prática cultural integrante do patrimônio imaterial paraibano, que, deste modo, expressa a cultura produzida pelas comunidades rurais. O povo da zona rural desta localidade encontra momentos de apresentar a sua arte, fazendo-se notáveis através de novenas, terços, festas religiosas ou da queima da caeira², uma tradição rural em destaque, sobretudo, no Sítio Verdes há mais de 80 anos. Este evento constitui-se como um elemento de identificação destas pessoas, pois representa sua identidade. Da dança em foco, participam indivíduos de diferentes faixas etárias, sendo a maioria deles composta de pessoas idosas que trabalham na agricultura ou são aposentadas. Faz-se necessária a valorização de tais práticas, no sentido de reafirmar uma identidade local que, apesar de suas ressignificações, dá continuidade às tradições.

Nesse sentido, utilizaremos as narrativas dos/as participantes da dança, bem como de algumas pessoas que residem na localidade, com vistas a focar a relação delas com a prática do coco. O recurso da memória é fundamental para compreender, através das recordações individuais, como as sociedades mobilizam, no cotidiano, seus gestos comportamentais. Nessa busca, por meio de imagens do passado, a partir da memória, elucidaremos – esperamos – o coco de roda pelo olhar do presente.

Recorrer às histórias de vida dessa comunidade e aos/às dançadores/as de coco torna-se importante, porque assim daremos voz aos/às praticantes da dança,

² A queima da caeira consiste no cozimento de tijolos de barro, feito de modo artesanal para futuras construções na localidade.

bem como tornaremos visível a sua prática, atribuindo a ela, dessa forma, um senso de pertencimento. Os espaços onde se expressa essa prática tornam-se importantes por suas criações, vivências e fazeres, os quais contribuem para as manifestações artístico-culturais.

Devido aos relatos das pessoas, percebemos a apresentação das lembranças e a construção de identidades, pois, quando elas falam sobre as mudanças ocorridas na localidade ou da prática do coco, estão exercitando a memória e apresentando uma ação coletiva. Desta forma, estão fornecendo elementos para a construção da memória coletiva. Conforme aponta Halbwachs (2006, p. 39),

a memória individual, diante da memória coletiva é uma condição necessária e suficiente da recordação e do reconhecimento da lembrança de modo algum, pois se esta primeira lembrança foi suprida, se não nos é mais possível reencontrá-la, é porque há muito tempo não fazemos parte do grupo na memória do qual ele se mantinha.

Considerando a assertiva de Halbwachs (2006), toda memória é coletiva. Por esse motivo, sabemos que a memória é a presença do passado. Então, pensando essas ideias mediante este prisma, resolvemos recorrer às memórias do coco de roda. Através dos depoimentos, pudemos perceber a importância de se preservar o passado e das lembranças de uma determinada prática, a exemplo do coco de roda, pois esse evento é digno de nota pelas construções de identidades. Porém, mesmo recorrendo às lembranças, não é possível trazer o passado tal qual ele ocorreu, em virtude de que, sendo a memória seletiva, é também passível de esquecimentos e silenciamentos. Logo, não é possível a reprodução fiel do passado. De acordo com Pollak (1989, p. 03),

o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é necessário, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discurso oficial. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. Embora, na maioria das vezes, esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memória subterrânea, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante.

Partindo desse olhar, procuramos evidenciar o patrimônio imaterial ou intangível que engloba os saberes e ofícios, as formas de expressão, os lugares de sociabilidade e as festas e celebrações populares. É um retrato vívido da alma do povo, das suas formas de sentir, de saber, de fazer. De acordo com Gonçalves (2009), essa categoria de patrimônio considera aspectos do cotidiano e da sociedade pouco reconhecidos. Consoante as colocações do autor,

nessa nova categoria estão lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos ideais e valorativos dessas formas de vida. Diferentemente das concepções tradicionais, não se propõe o tombamento dos bens listrados nesse patrimônio. A proposta existe no sentido de registrar essas práticas e representações e acompanhá-las para verificar sua permanência e suas transformações (GONÇALVES, 2009, p. 28).

O coco de roda é uma dança que mistura traços da cultura africana e indígena, mantendo uma ligação com o catolicismo de origem europeia, sendo uma dança muito comum nas conhecidas novenas de terno. A palavra *novena* foi criada por se tratar de rezas feitas ao longo de nove dias, em ação de graças a algum santo. A palavra *terno*, por sua vez, vem das roupas usadas para dançar. Na verdade, porém, com o passar dos anos, não se usa mais uma roupa padrão para as pessoas dançarem o coco de roda. No contexto dessa dança, surgem diversas outras coreografias compartilhadas com outras danças, como a ciranda e o coco de mergulho³, também chamado coco furado.

Um dos objetivos da prática do coco de roda, especificamente o de mergulho, é difundir a cultura afro-brasileira. Além da dança, acontece uma troca de conhecimentos entre os chamados mestres da cultura popular e suas novas gerações. O encontro envolve toda uma comunidade e consiste, sem dúvida, numa ação de preservação do patrimônio imaterial do povo negro.

No município de Queimadas, o coco de roda teve origem na zona rural, encontrando seu espaço de excelência no Sítio Verdes, tendo sido trazido pela família do Sr. Zé Zuca. Para essa família, o coco de roda é uma dança tradicional

³ Durante a apresentação, acontece o coco de mergulho, uma dança de chamamento, na qual os participantes desafiam os demais a dançar.

que passa de geração em geração. Destarte, podemos considerar a dança como um patrimônio cultural imaterial da cidade. Segundo o conceito mais recente da UNESCO, patrimônio é visto como

práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrada de seu patrimônio cultural. Ele é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, 2003, p. 03).

Tendo em mente a importância da tradição do coco de roda para a população do município, desde os anos 1920 até os dias atuais, vem se transmitindo a função desempenhada pelo coco de roda na memória coletiva de um grupo. Outro fato relevante é que o coco de roda é uma dança com a qual os sujeitos do grupo se identificam, construindo suas identidades integrantes da memória de grupo. Assim, pode ser possível a reconstrução de um passado. Na esteira desse pensamento, Santiago (2007, p. 16) argumenta que,

assim, a memória de um grupo, coletiva ou social, que é uma reconstrução do passado, vai se formando a partir de contribuições de diversas gerações. O legado dessa memória é transmitido ao longo do tempo, por meio de suportes de memória. A relação entre memória e patrimônio reside justamente nesse ponto: os objetos culturais, os quais constituem patrimônio, podem funcionar como tais suportes.

O coco de roda faz parte da tradição popular. É um conhecimento transmitido por gerações, e, portanto, torna-se evidente que, durante esse processo, ocorreram algumas modificações. Exemplo disto se observa, por exemplo, pela mudança do vestuário dos/as dançarinos/as: hoje, não é mais necessária uma roupa padrão, exceto nas apresentações culturais formais. Por ser uma dança capaz de levar os/as praticantes e a comunidade a desenvolver uma relação de pertencimento ao grupo, os habitantes da cidade reconhecem a tradição do coco de roda. A partir do uso da oralidade como suporte para a memória coletiva, assim se transmitem os

conhecimentos entre as gerações, mantendo a tradição. Conforme denota Santiago (2007, p. 18),

podemos dizer, então, que a transmissão da memória social de uma geração à outra pode ocorrer por meio dos chamados objetos culturais, que se constituem como suporte de memória. No universo desses objetos ou suportes, está o patrimônio cultural, que funciona como a própria externalização, marco ou ponto da memória social. Visto que esta é uma reconstrução ou manifestação continuamente atualizada do passado, formada através de contribuições de diversas gerações ao longo do tempo, a interpretação do patrimônio cultural por cada uma dessas gerações converte-se também em uma das maneiras de reconstrução ou atualização do passado.

O tema do coco de roda como patrimônio cultural imaterial da cidade de Queimadas nos leva a refletir sobre uma nova visão do conceito de patrimônio. Nessa perspectiva, o patrimônio deixa de ser apenas aquele legado pelas grandes civilizações, ou mesmo o que se reconhece através de obras arquitetônicas materiais, passando a fazer parte da memória local, erigindo uma nova visão de patrimônio cultural.

A memória coletiva, enquanto reconstrução do passado, constitui-se com a contribuição ativa dessas gerações. Desse modo, o patrimônio como suporte da memória de grupo pode ser pensado como meio para a construção da memória de uma sociedade, além de atuar como uma forma de pensar o passado. No tocante à maneira como concebemos esse patrimônio, a exemplo do coco de roda, é importante sempre lembrar que a nossa visão acerca dos fatos passados denota um olhar do presente. Como reflete Santiago (2007, p. 16),

diferentemente da memória individual, a memória social se constrói ao longo de muitas gerações de indivíduos mergulhados em relações determinadas por estruturas sociais. A construção de memória social implica a referência ao que não foi presenciado. Trata-se de uma memória que representa processo e estruturas sociais que já se transformam. A memória social é transgeracional e os suportes da memória contribuem para o transporte da memória social de uma geração a outra.

Ao considerar o conceito de memória relacionado à ideia de herança, através do ideário de pertencimento, vale dizer que desde os povos que vivenciaram as primeiras danças, essa prática proporciona a formação da identidade daquele grupo,

sendo vista dessa forma pelos membros da comunidade local. Entretanto, o conceito de patrimônio, desde a sua evolução, é a convenção estabelecida pela UNESCO, que atualmente lhe confere uma noção abrangente, embora antes não situasse como patrimônio cultural os vestígios. É importante pensar em alternativas de preservação desse patrimônio, como forma de valorizar a memória e a identidade de um povo, como a riqueza cultural que este patrimônio detém.

Por esse motivo, o coco de roda enquadra-se como patrimônio cultural imaterial. Porém, o termo *patrimônio* teve, ao longo da História, algumas ampliações. Nos dias atuais, designa um conjunto de bens culturais, abrangendo, também, entre eles, as manifestações históricas, artísticas e culturais. Na Paraíba, podemos encontrar várias danças e manifestações em diversos municípios, contribuindo muito para fortalecer a identidade cultural do nosso Estado. Os elementos presentes nessas danças e folguedos expressam histórias e brincadeiras herdadas e transmitidas oralmente a diferentes gerações. Ao contrário de muitas cidades, onde só é possível vivenciar essas práticas em festas escolares ou através de pesquisas, em Queimadas é possível assistir a apresentações de ciranda e grupos de pastoril. Além disso, o coco de roda sempre está presente nos principais eventos culturais do município.

A musicalidade e o ritmo do coco acabam sendo muito singulares. A dança pode ser realizada por homens e mulheres. Vale ressaltar que apenas a dança de desafio é realizada majoritariamente por homens. O coco de roda é uma dança realizada em fileiras ou rodas, em conjunto ou em pares, que se movimentam em direção ao centro com movimentos ritmados. A realização da dança geralmente é acompanhada por palmas e sapateados, possuindo influência indígena e africana. Muitos acreditam que a prática surgiu como uma expressão de resistência dos/as escravos/as, para libertar-se das repressões ou denúncias através da música e da dança. Os/as dançadores/as do coco de roda são acompanhados/as por um terno, formado por tocadores. Dentre os instrumentos musicais utilizados para acompanhar a dança, encontram-se a flauta, o ganzá, a zabumba e o triângulo. Assim, a mistura de todas essas batidas proporciona à dança um som muito peculiar.

O coco de roda é apresentado nos principais eventos da cidade. Durante a realização de seu maior folguedo, a Festa de Reis, há apresentações em homenagem aos reis magos, ocasião em que todos/as os/as integrantes do grupo vão reverenciar os três reis magos que presentearam o Menino Jesus. Ao longo do

mês de janeiro, os dançadores participam da novena de São Sebastião, a qual segue todo um ritual. Os tocadores, primeiramente, seguem a procissão, acompanhando a imagem do santo; em seguida, busca-se a bandeira, que representa o santo que é levada até o altar pelas crianças. Todos esses passos são seguidos pelo grupo tocador da musicalidade do coco de roda, denominado terno.

Acontece a celebração da novena, na qual os/as religiosos/as cantam os seus louvores e fazem suas preces em favor da comunidade, juntamente com todos/as os/as participantes da novena. Em seguida, dão-se as homenagens dos músicos para o santo, o qual eles reverenciam. Durante o ritual, os músicos alternam seus lugares. Essas novenas são realizadas geralmente nas residências de pessoas devotas, por tradição ou por terem alcançado uma graça. Mesmo que a localidade possua capela, os/as moradores/as preferem realizar esses eventos em suas casas. No decorrer do ano, no referido município, acontecem várias novenas, tais como a de Santo Expedito, São João, São Pedro, Nossa Senhora Aparecida, Dia de Todos os Santos, dentre outros.

As pessoas que organizam as novenas fazem uma festa, na qual são comercializadas comidas e bebidas típicas da região. O organizador do evento se destaca nesse momento, porque passa a recolher das pessoas dinheiro. Essa oferta é denominada sorte e se assemelha às oferendas recolhidas entre os fiéis nas igrejas. Dentre os organizadores dessas novenas, citamos uma senhora de 87 anos, chamada Severina⁴, mas popularmente conhecida como “Severina Ferrin”. Segundo a entrevistada, o coco de roda do Sítio Verdes teve origem no Estado de Pernambuco. Seu irmão, Zé Zuca, chamado de compadre, teria sido o responsável por trazer a dança para os Verdes. Dessa forma, essa prática foi transmitida para os demais membros da família até os dias de hoje.

⁴ Esta informação foi colhida através de conversa informal com uma das participantes do coco de roda, que discorreu sobre as suas vivências no contexto da dança em estudo.

FIGURA 02: Sr. Zé Zuca, criador do grupo de coco de roda de Queimadas-PB.



Fonte: Arquivo pessoal de Antônio França.

No decorrer de sua fala, a Sra. Severina afirmou que o coco de roda, além de ser dançado nas novenas, também acontecia quando se queimava a caeira. A festa durava a noite inteira, só terminando ao raiar do dia. Além de organizar novenas, a colaboradora informou que dança coco até hoje, tendo iniciado a prática ainda na infância. Quem a ensinou a dançar foi sua mãe, segundo ela, uma grande dançarina.

D. Severina disse que todos os seus irmãos sabiam dançar. Foi ela quem começou a organizar suas novenas, quando morava no município de Caturité-PB. As novenas eram feitas principalmente na intenção de agradecer pelas promessas cuja graça teria sido alcançada. Além do coco de roda, a colaboradora afirma dançar ciranda a noite inteira, “até o raiar do dia”. Esta senhora lembrou que as novenas são acompanhadas pelo terno e também por muitos fogos de artifício. Afirmou realizar suas novenas no mês de novembro, no Dia de Todos os Santos. Durante a conversa, perguntamos-lhe como ela via o coco de roda hoje; se, conforme sua ótica, houvera alguma mudança na prática. D. Severina asseverou que não, pois, desde que conhecia o coco, era daquele mesmo jeito; não havia mudado nada. Só as pessoas mudaram, visto que algumas já haviam morrido.

O Sítio Verdes preserva essa tradição, posto que os valores são rememorados, e também para manter viva a sua identidade, datando desde os

povos mais antigos que habitaram a região. Por esse motivo, existe um grande respeito no presente na intenção de perpetuar essa prática, em virtude de ela se tornar uma representação simbólica da comunidade. Apesar dos avanços da globalização, a tradição ainda permanece, não havendo a perda de seus referenciais, e, sim, a valorização da coletividade.

O sítio em questão valoriza o passado para idealizar a sua prática cultural, evidenciando, através da memória, o valor patrimonial. Com isso, fortalece toda aquela manifestação, introjectando nas pessoas, diante daquela expressão cultural, a necessidade de dar continuidade à prática, devendo ser preservada por pertencer à tradição daquele povo. Destarte, a comunidade não perde suas referências, as quais vão além dos valores patrimoniais.

Nos últimos anos, o coco de roda vem ganhando mais espaço no município através da Secretaria Municipal de Cultura, que vem contribuindo para reconhecer cada vez mais essa prática, a qual se mantém dinâmica e, além disso, é a mais antiga de Queimadas. Os dançadores receberam vestimentas a caráter da tradição, confeccionadas de sacas, com detalhes de palha de coco, além de sandálias de couro. A Secretaria forneceu ainda apoio para o deslocamento do grupo para outras localidades, seja nos limites do município ou não. Pode-se dizer, então, que a Secretaria colabora para um maior reconhecimento da cultura local de Queimadas. A fotografia a seguir registra uma apresentação ocorrida em um evento no ano de 2010.

FIGURA 03: Apresentação do grupo do coco de roda em um evento da Secretaria Municipal de Cultura.



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Queimadas.

Enquanto meio da difusão da cultura afro-brasileira, a dança possibilita um olhar particular, ao conferir visibilidade ao som, aos cantos, aos passos e, principalmente, às tradições. Nesse sentido, percebemos que, mesmo hoje, tais elementos, presentes nessas comunidades, carregam as tradições, perpassadas geracionalmente.

As canções são realizadas oralmente. Os representantes cantam em grupo, e as canções são puxadas principalmente pelos representantes do som, acompanhadas pelo ganzá, pífano, tambor, além da flauta. Outro aspecto que carrega traços da cultura afro-brasileira diz respeito à repetição de muitos dos passos, realizados sem ensaios, mas de modo a permitir que todos/as participem igualmente das manifestações e possam inserir-se no grupo.

Diante desse novo momento que vive o coco de roda, os/as participantes vêm percebendo a importância de apresentar para as pessoas a sua prática cultural típica da região, buscando o reconhecimento dos/as expectadores/as. Estes/as se identificam tanto com suas práticas de dança, que por fim se envolvem intensamente, engajando-se na dança. Na verdade, quando se percebe, muitos/as expectadores/as estão fazendo parte do grupo e realizando junto com ele as coreografias, tornando a apresentação gratificante, por conquistar pessoas antes desconhecedoras daquela cultura, promovendo o seu envolvimento com o ritmo e com a dança.

Apesar de não conhecer o coco intimamente, as pessoas que entram na dança recebem dos/as dançadores/as os ensinamentos básicos daqueles passos que praticam desde a infância. É notável constatar que mesmo os/as dançadores/as estando na terceira idade, continuam demonstrando uma força vital admirável.

Além do empenho da Secretaria de Cultura, a comunidade local tem o apoio da Associação de Moradores, através do coordenador, Sr. Adilson Tavares, que nos concedeu a seguinte informação:

O coco de roda, por ser tão antigo, está no sangue das pessoas. E desde 1920, o coco começou a ser dançado, vindo do vizinho Estado de Pernambuco, da cidade de São Vicente Férrer. E não existia um padrão e as pessoas dançavam com qualquer roupa. Só ultimamente, com o apoio da Secretaria de Cultura, é que as

peças passaram a ter um padrão de vestimentas (informação verbal⁵).

Os/as dançadores/as de coco são pessoas que trabalham na agricultura ou já se encontram aposentadas. O Sr. Adilson explicou como essas pessoas vivem:

Cada um tem seus afazeres, sendo apenas no final de semana seu tempo disponível. A maioria das pessoas que participam do grupo são agricultores ou já aposentados, mas que já foram agricultores. O nosso grupo é formado por 12 pares e só no final de semana é que é possível reunir todos os integrantes (informação verbal⁶).

Apesar de todo o valor conferido pelas pessoas em geral à prática popular do coco, ainda são poucos os jovens que se identificam com a dança. Muitos acham que a prática seria, como dizem, “coisa de velho”. O Sr. Adilson deixou claro em sua fala a tendência de rejeição dos jovens para com o coco de roda nos seguintes termos:

A juventude do Sítio Verdes se identifica muito pouco com a cultura do coco de roda. Muitos consideram dança de velho. Eles acabam se identificando com essas músicas sem muito valor, a exemplo do hip-hop (dos EUA) e o Funk (do Rio de Janeiro). Mas não são todos; muitos acabam se interessando e procuram aprender os passos e até acabam participando durante as apresentações (informação verbal⁷).

Com o apoio da Secretaria de Cultura, foi realizado um vídeo de 12 minutos, durante a realização da novena de São Sebastião, no Sítio Verdes. Este vídeo registra uma apresentação de coco de mergulho. Nesse ínterim, perguntamos ao coordenador da Associação de Moradores se, durante a realização da dança, só os homens podiam participar. O Sr. Adilson, então, nos explicou que

o coco furado, ou coco de mergulho, possui um ritmo mais rápido na batida da zabumba. Apesar de ser dançado por um maior número de

⁵ TAVARES, Adilson. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Adilson Tavares sobre a tradição do coco de roda no município de Queimadas-PB. p. 01; 14 de janeiro de 2009. Entrevista concedida a Tiago dos Santos Freitas.

⁶ Id. p. 01.

⁷ Ibid. p. 02 Id.

dançadores do sexo masculino, não é proibido a participação de mulheres, mas, por ser mais rápido, geralmente a maioria dos dançadores são os homens. A dança acontece da seguinte forma: os dançadores vão ao centro de um círculo de dançadores e faz um gesto com a mão ou até mesmo com um simples olhar convida outro participante a vir ao centro e assim sucessivamente (informação verbal⁸).

Eis um registro fotográfico desta modalidade de coco de roda:

FIGURA 04: Registro fotográfico de um passo de coco furado feito durante uma oficina realizada no Sítio Verdes.



Fonte: Arquivo do Acervo do Ponto de Cultura Municipal.

O grupo participa de apresentações em diversos locais, a exemplo de eventos em universidades públicas, tais como a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Além disso, participa ainda de eventos como a Festa de Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa-PB. Na ocasião da referida festa, o grupo foi elogiado e trouxe o público para participar da dança. Essa prática, que representa a cultura popular nordestina, vem ganhando cada vez mais reconhecimento. E as pessoas passaram a se sensibilizar para a sua importância, procurando impulsionar essa tradição.

⁸ TAVARES, Adilson. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Adilson Tavares sobre a tradição do coco de roda no município de Queimadas-PB. p. 03; 14 de janeiro de 2009. Entrevista concedida a Tiago dos Santos Freitas.

É sabido que o futuro de qualquer tradição depende, também, do interesse dos mais jovens, para que a prática se perpetue. Desta feita, o coco de roda no município de Queimadas também encontrou a adesão de algumas das crianças da comunidade, conforme evidencia a Figura 04 a seguir:

FIGURA 05: Crianças do Sítio Verdes dançando o coco de roda e mantendo viva a cultura.



Fonte: Acervo do Ponto de Cultura Municipal.

A prática cotidiana dos/as participantes da dança se dá sem nenhuma formalidade, principalmente porque, quando o grupo está unido, é o momento da diversão. Muitos/as dos/as integrantes são pessoas que vivem da agricultura, trabalham na roça e produzem alimentos para a sobrevivência da família.

No município de Queimadas, existem muitos grupos de coco, sendo o mais conhecido o do Sítio Verdes, principalmente porque, nos últimos anos, ele recebeu o incentivo da Administração Pública Municipal e também do Ministério da Cultura.

O coco do Sítio Verdes, chamado pelos/as participantes de *coco do Mestre Zuca*, é importante, pois, apesar de estar presente nas cerimônias católicas, ainda carrega muitos traços da cultura africana, a exemplo dos cantos do cotidiano, contando *causos* de suas vivências cotidianas e remetendo aos *griots*⁹, que, na África, contavam histórias do cotidiano a partir da oralidade.

⁹ Os *griots* são contadores de histórias sábios, importantes e respeitados do continente africano, muito considerados na comunidade onde vivem. Suas narrativas passam de geração em geração.

Desse modo, as músicas entoadas pelos cantadores do grupo de coco representam situações de trabalho como um grito de liberdade. Outro ponto importante é a religiosidade do grupo, pois seus/suas integrantes dançam nas novenas, depois do ritual religioso. É interessante observar que o conjunto que acompanha a novena católica é o mesmo que, após a celebração, toca para a dança do coco.

Na Paraíba, existem inúmeros grupos de coco de roda, ou samba de coco. Cada um com sua identidade própria. Entretanto, o estudo desses grupos é muito recente no Estado, principalmente porque suas danças e seus/suas praticantes não foram muito valorizados.

Além do coco, encontramos também, no contexto paraibano, muitos grupos de ciranda, como o grupo Caiana dos Crioulos, de Alagoa Grande. A tradição da dança do coco veio dos/as negros/as africanos/as, trazidos/as para o Brasil pelo sistema escravista colonial.

Por ser estudado a partir da realidade de seus/suas praticantes, indo o pesquisador a campo com vistas a perscrutá-la, pode-se dizer que o coco de roda aproxima-se muito dos estudos da Antropologia Cultural, sendo essa área estudada no *métier* da História, principalmente após a terceira geração dos Annales.

O estudo da realidade, a partir do cotidiano, desenvolve-se por meio de uma área denominada etno-história, de modo que o pesquisador se dirige à área de estudo para perceber as experiências e as particularidades dos/as colaboradores/as. No desenvolvimento da pesquisa etnográfica, percebemos muitas das mudanças sociais e culturais ocorridas no decorrer do tempo, com olhares históricos para a construção da história da comunidade.

Na construção do conhecimento sobre a realidade do coco de roda, apoderamo-nos da investigação através da oralidade, para assim compreendermos e abordar os laços de identidade do grupo. Desse modo, evocamos o passado a partir da apresentação do tempo pelo outro. Isto porque

a memória liga-se à lembrança das vivências e essa só existe quando laços afetivos criam o pertencimento ao grupo, e ainda os mantêm no presente. Portanto, não é o físico ou o territorial que permite a existência do grupo, e sim a dimensão de pertencimento social, criado por laços afetivos que mantêm a vida e o vivido no campo das lembranças comuns, geradas de uma memória social (FELIX, 2004, p. 39).

Essas lembranças são construídas através das relações existentes na sociedade, no seio da qual os grupos são unidos por um referencial diante da experiência do vivido, e, assim, representam o passado. É relevante também compreendermos os lugares de memória de cada um, pois as vivências no cotidiano, apesar de toda a tradição, sofrem muitas mudanças, as quais possibilitam o afastamento das vivências e dos costumes.

Portanto, a tensão criada pela fronteira entre o vivido, a tradição e suas possibilidades de lembrança, com a aceleração do tempo e o risco da perda de referências espacial-temporal-afetivas dos grupos sociais leva, em nosso tempo, à necessidade da proliferação de lugares de memória, encarregados de dar o suporte da continuidade com o registro de suas marcas através da escrita da história (FELIX, 2004, p. 51).

A leitura do coco de roda que procuramos fazer, enquanto patrimônio da cidade de Queimadas é viabilizada principalmente pelas imagens do passado, sendo legitimada pelo presente e transmitida a partir da tradição. Nesse diapasão, buscamos o que é comum no grupo, bem como as diferenciações e o pertencimento às práticas culturais da comunidade, através das marcas produzidas no tempo pelas tradições inventadas.

É válido percebermos que a oralidade tem um importante papel no tocante à preservação das práticas culturais. Então, desde as civilizações africanas, ainda na sua pré-história, valorizava-se muito a palavra falada. Isto se dá pelo fato de que

uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diário, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerando no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra (VANSINA, 1982, p. 158).

A oralidade torna-se ainda mais pertinente porque existem pessoas que dispõem de muito conhecimento em torno da própria história do grupo e da comunidade, transmitindo-a oralmente para os demais membros do grupo. Essas pessoas são especiais por saberem muitas particularidades, a exemplo do papel desempenhado pelos *griots*, que apresentavam aos membros do grupo onde estavam inseridas todas as suas tradições e laços de pertencimento.

Mediante o exposto, fica patente que esses personagens são relevantes para compreendermos e apresentarmos as particularidades do coco de roda. Desse modo, os espaços apresentam uma relação temporal. Assim, todos possuem uma história de acordo com cada época, não podendo, por conseguinte, ser considerada homogênea, mas sempre dotada de características próprias.

Os estudos sobre as relações da cultura africana no Brasil têm se preocupado em dissipar muitos preconceitos ainda existentes em relação aos afro-brasileiros, principalmente no tocante à religião e à cultura. Desta feita, a análise que fazemos do coco de roda relacionado à cultura afro-brasileira trata principalmente de uma visão nova, a partir da qual podemos, através da dança, estudar muitos outros aspectos, como uma identidade cultural própria investida de traços africanos. Em outras palavras, o coco de roda incorpora uma mistura de culturas africanas e europeias, além da particularidade local.

CAPÍTULO 2

A DIMENSÃO EDUCATIVA DO COCO DE RODA DE QUEIMADAS-PB: PROPOSTAS PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO CONTEXTO DA HISTÓRIA LOCAL

FIGURA 06: A arte do coco de roda a serviço da população de Queimadas-PB.



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador.

Vou arrumar esse coco para ele durar mais.

Gostei dessa turma porque dança demais.

(Domínio público)

O município de Queimadas está localizado na microrregião de Campina Grande e mesorregião do Agreste paraibano. Com uma população de 42.586 habitantes segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE/2013) tem em sua história as marcas da chegada do gado ao interior do Estado da Paraíba no século XVIII.

O povoamento de Queimadas iniciou-se por volta do ano de 1889, quando chegaram à região as primeiras famílias Maia, Muniz, Tavares, Gomes, rego e Teixeira.

A sede do município tem uma distancia de 137 km da capital. O acesso é feito, a partir de João Pessoa, pelas BR 230 e 104.

A cidade possui um rico patrimônio cultural, a exemplo de sítios arqueológicos pré-históricos, as edificações antigas urbanas que compõem as edificações urbano da cidade, a igreja católica e o colégio José Tavares.

Entre as manifestações culturais temos o coco de roda e a Festa de Reis, uma festa tradicional da cidade.

Abordar a história local a partir do ambiente escolar é de primaz importância para o aprendizado escolar, bem como para a produção do conhecimento do/a aluno/a sobre o lugar em que vive e os saberes produzidos sobre ele. Nesse sentido, a discussão da história local, sob o viés da educação patrimonial, apresenta-se como um significativo meio de educar em torno da memória e da história da cidade, além de seus sujeitos sociais.

Desse modo, algumas práticas culturais, a exemplo do coco de roda, educam, e o sentido educacional desta prática cultural pode ser vivenciado na escola. Procuramos abordar os aspectos educativos presentes na dança, uma manifestação cultural afro-brasileira praticada na cidade de Queimadas. Enfatizamos esta prática cultural consubstanciada através da musicalidade e da dança afro-brasileiras como significativas para a construção de uma educação patrimonial.

Nossa proposta é mostrar que os/as participantes do coco de roda estão educando acerca da história local de Queimadas, tendo como aporte essa expressão da cultura afro-brasileira que faz parte da história e da memória da cidade. Sendo assim, a prática consiste, portanto, num patrimônio imaterial do

município, contribuindo para uma forma de educar que se torna relevante para o espaço escolar.

Destarte, o coco de roda, enquanto prática cultural, social e histórica, compreende uma ação pedagógica significativa para ser discutida nas aulas de História do Ensino Fundamental II, proporcionando, assim, que crianças e adolescentes desse nível de ensino aprendam sobre a cultura afro-brasileira a partir do universo lúdico da dança e da música presente no coco de roda e na historicidade dessa arte afro-brasileira. Buscamos compreender a dança em Queimadas a partir da perspectiva da educação patrimonial, já que esta manifestação cultural é educativa, além de ser um importante meio de valorização do patrimônio local e imaterial do município.

Consideramos significativo o lugar ocupado pela escola no contexto da educação básica como motivadora da aprendizagem cultural, já que a instituição é um espaço plural, abrigando diversas culturas. Ela é, portanto, um local onde a cultura é valorizada e reelaborada. A escola, ao empreender este tipo de ação educativa, através da preservação da memória coletiva, constrói uma identidade positiva no/a aluno/a e motiva o conhecimento acerca dos valores elaborados pelos/as integrantes do coco, a partir de uma identificação cultural com eles/as.

Fica evidente que o coco de roda de Queimadas é uma tradição que, apesar de ser antiga, também é reinventada a partir de novas ações, práticas e praticantes, proporcionando outros valores carregados de símbolos, além de uma continuidade do passado. Segundo Hobsbawn (2008, p. 09),

por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras táticas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado.

No espaço educacional, o/a professor/a da educação básica depara-se com muitos termos relacionados à cultura. Dentre eles, destacam-se: pluralidade cultural, multiculturalismo, cultura de paz, cultura de massa e identidade cultural. Diante desse novo olhar sobre a cultura, visto a partir da escola, percebemos a busca da auto identificação do/a aluno/a, aumentando a sua autoestima e ampliando o seu entendimento sobre os estudos relativos à cultura do seu lugar de pertencimento.

A escola, ao se apropriar da cultura, evidencia muitas práticas que, durante muito tempo, não encontraram espaço na instituição, e que agora são tidas como importantes. Antes, outros valores eram mais evidenciados, tais como o econômico, o social etc. Não estamos afirmando, todavia, que a cultura não era importante para a escola, mas que era pouco abordada. Esta postura tornou-se anacrônica, pois,

obviamente, o incentivo à cultura, em todos os seus matizes e definições, é um caminho importante que deve estar paralelo à promoção da cidadania em qualquer projeto educacional. De fato, as experiências culturais, dentro e fora da escola, complementam e interagem com a formação escolar. No limite, a própria experiência escolar faz parte da vida cultural de uma cidade (NAPOLITANO, 2010, p. 74).

No decurso dessas considerações, temos que a inserção de práticas culturais na escola, tais como o coco de roda, possibilita diferentes experiências escolares, posto que cada estabelecimento de ensino adota experiências singulares. Do mesmo modo, entendemos que, ao trazer a cultura, através da dança, para o espaço escolar, proporcionamos uma identificação do grupo, ou seja, uma consciência coletiva dos valores num espaço tão excludente como o da escola.

A escola é um vetor de cultura, mesmo que muitas pessoas venham a construir uma visão homogeneizadora deste fenômeno, sem perceber suas singularidades. Concebendo a escola como um espaço de formação de sujeitos, através da interação de todos/as aqueles/as que se encontram inseridos/as neste espaço, ela também se torna, indubitavelmente, um importante lugar de difusão cultural e de criação de processos de ensino-aprendizagem, envolvendo expressões da cultura.

Nesse diapasão, o coco de roda, no espaço escolar, demonstra a possibilidade de existir uma relação entre o que a escola ensina e a educação de grupos sociais e culturais que estão fora do contexto da educação institucional. Ao se inserir expressões culturais na escola, como o coco de roda, é possível valorizar, neste espaço, o patrimônio cultural de uma localidade, tornando as expressões da cultura popular, e, particularmente, da cultura afro-brasileira importantes ferramentas de ensino e aprendizagem.

Ao serem introduzidas manifestações da cultura afro-brasileira na escola, esta deixa de ser ignorada e passa a ser valorizada. Observamos que, atualmente, a

unidade escolar busca metodologias capazes de propiciar a relação dos educandos com a instituição de ensino. Desse modo, quando, no estabelecimento escolar, busca-se ensinar a partir das tradições, principalmente as locais, estas, ao serem percebidas e conhecidas em contexto de ensino-aprendizagem, propiciam uma ação educativa capaz de permitir a aproximação da instituição à realidade do/a aluno/a, democratizando, assim, o ensino.

A celebração da dança pelos/as praticantes do coco sempre é lembrada em Queimadas, pois os sujeitos que vivenciam esta prática guardam, em suas memórias, as experiências elaboradas através da dança. O coco de roda, ao traduzir uma realidade local através de seus símbolos, situa seus/suas praticantes como importantes atores/atrizes sociais, como educadores/as. Apesar das diferentes interpretações, todos/as, independentemente da idade, identificam-se com a dança.

Sabemos que a educação é um importante meio de valorização da cultura, bem como uma ferramenta que torna possível o contato entre diversas culturas e/ou práticas culturais. Nesse sentido, a escola ocupa um espaço relevante, ao apresentar aos/às alunos/as os valores da pluralidade cultural, já que a escola abriga diversas etnias, tais como brancos, negros e indígenas. Essa perspectiva está assegurada inclusive pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que determinam a abordagem da diversidade étnica e racial no currículo escolar.

Diante das realizações de ações pedagógicas, a escola pode trabalhar com abordagens de elementos da cultura local, elementos afro-brasileiros que fazem parte da tradição cultural. Ademais, tais elementos são capazes de relacionar seus elementos em prol da construção de valores e do respeito à diferença, incluindo no currículo abordagens significativas a serem aplicadas em metodologias que proporcionem aos/às educandos/as um novo olhar, a partir da mobilização de diferentes fontes e abordagens. Os/as estudantes, assim, tornam-se aptos/as a construir sua aprendizagem.

Com a promulgação da lei n. 10.639/03, diante das lutas históricas do Movimento Negro em favor do reconhecimento da cultura afro-brasileira no espaço escolar, esta passou a ser abordada no âmbito da instituição, embora ainda haja muito por fazer para que este ensino se torne, de fato, efetivo. A partir da lei, também foram sancionadas as Diretrizes Curriculares para a Educação Étnico-Racial. Com isso, as escolas passam a ter um documento legal para nortear a

prática pedagógica nas instituições de ensino, contribuindo, dessa forma, para uma representação positiva em prol de uma educação étnico-racial e para uma melhor representação do/a afro-brasileiro/a. A escola, mediante tais procedimentos, contribui para a diminuição dos casos de racismo. Então, a lei passa a evidenciar que a desigualdade histórica pode ser superada, para termos, enfim, uma sociedade mais igualitária, com cidadania e democracia.

O coco de roda possui um caráter educativo, na medida em que as diferentes gerações aprendem com a musicalidade, o ritmo e o movimento. Consideramos os vários espaços de educação, no entendimento de que não apenas a sala de aula, com seus recursos didático-pedagógicos e metodologias específicas, funcione como locus de aprendizagem por excelência. Reconhecemos, ao contrário, que existem múltiplos meios e espaços para educar, sendo a dança uma importante ferramenta de ensino. Diante desse olhar, o coco de roda, a partir da escola, evidencia trocas de saberes de diferentes instâncias.

O ensino de História, a partir da valorização do coco de roda no espaço da escola, proporciona aos/às alunos/as da educação básica um lugar de pertencimento, além de apresentar outra perspectiva para a cultura afro-brasileira, com seus importantes traços e valores. A referida expressão cultural, ao ganhar visibilidade na escola, torna-se essencial para a apresentação da dança, para a musicalidade de vivência da cultura africana no espaço brasileiro e também para o pertencimento visível diante dos/as praticantes da dança. Apesar de muitos/as ainda ignorarem a importância do conhecimento da cultura afro-brasileira, esta é de suma relevância para a elucidação de suas histórias.

A lei n. 10.639/03 assegura a obrigatoriedade do ensino sobre a cultura africana e indígena nos estabelecimentos de ensino público e particular. Entretanto, vale dizer que, mesmo antes de a lei entrar em vigor, na Constituição de 1988 já havia essa determinação em dois artigos do referido regimento, 214 e 215, respectivamente, que contribuíram sobremaneira para respaldar muitas reivindicações sociais. A partir de 1988 o Movimento Negro começa a lutar contra o racismo na sociedade.

Em seguida, nos anos 1990, com a criação dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), temos a proposta dos temas transversais, dentre os quais figurando a pluralidade cultural. A LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) enfatiza os mesmos artigos da Constituição, valorizando a diversidade

étnica e cultural do nosso país. A partir dessas leis, a escola passou a ser o espaço apropriado, apto a apresentar os valores que serão referenciais para a vida em sociedade. Isto se torna especialmente válido quando se considera que os/as educadores/as se investem de um papel fundamental para a propagação do conhecimento.

Torna-se evidente, em nossa pesquisa, que, ao trazermos o estudo do coco de roda enquanto representação cultural da cidade, através de seus ritmos e toques, estaremos favorecendo a transmissão dos traços da cultura africana a diferentes sujeitos. A escola tem o papel de repercutir, entre os/as alunos/as, a imagem do grupo de praticantes da dança como entidade responsável por perpetuar alguns traços e identidades culturais dos/as negros/as que foram trazidos/as da África.

Então compreendemos a escola como *lócus* de formação de sujeitos, responsável pela ampliação da visão de mundo de todos aqueles inseridos neste espaço, pois a escola é diversa tanto cultural como etnicamente. Desse modo, a instituição em pauta, ao contemplar o estudo de práticas tais como o coco de roda, tem o poder de incluí-la, legitimá-la. Ao ser inclusiva, a escola democratiza o ensino, tornando-se um espaço de todos/as.

A escola possibilita, com essas ações, a preservação das tradições locais, além de desenvolver ações educativas calcadas nas culturas e tradições locais. Esta ação pode contribuir para a construção de identidades dos sujeitos escolares, por meio do conhecimento em torno das heranças e identidades dos indivíduos e do grupo, que são autores/as e atores/atrizes da sua história diante das expressões evidenciadas por suas memórias e experiências. Argumentamos, então, com base nessas considerações, que

é ela [a escola], em última instância, o *lócus* para o exercício e formação da cidadania, que se traduz também no conhecimento e na valorização dos elementos que compõem o nosso patrimônio cultural. Ao socializar o conhecimento historicamente produzido e preparar as atuais e futuras gerações para a construção de novos conhecimentos, a escola está cumprindo o seu papel social (ORÍÁ, 2004, p.130).

O coco de roda educa não apenas os/as alunos/as, mas todos/as os/as seus/suas praticantes, através de seus gestos, história e lugar social ocupado na cidade. É patente que se torna necessário dirigir um olhar pedagógico para esta

prática e seu legado, posto ser uma importante ferramenta para o ensino por evidenciar valores, como o respeito à alteridade, inclusive a cultural.

Muitos ainda consideram a dança como algo do passado, por desconhecimento do fato de que ela é repleta de simbologias, sendo um poderoso e plural dispositivo de valorização da cultura, que se inventa e reinventa no decorrer do tempo. Modificam-se os locais e os personagens, mas a prática permanece rica em tradição. Os signos existentes na prática do coco são muitos, sendo necessário enveredar pelo discurso de seus/suas componentes, tendo em vista que cada um/a possui um olhar particular e pleno de significados, pois, através da história do coco de roda, o presente pode dialogar com o passado.

O incurso desta prática na escola, além de proporcionar sua legítima valorização, promove a dança como expressão cultural que identifica o seu lugar, as identidades de seus/suas praticantes e dos/as moradores/as da localidade. Ao ressaltar a história de vida de seus/suas praticantes, ligada à dança do coco por gerações, a escola passa a participar ativamente da perpetuação da memória, atenta para os momentos importantes do grupo em prol da valorização de sua tradição e das narrativas de sua história.

O/a professor/a trabalha com o diverso, deparando-se com diferentes identidades. Entretanto, no espaço escolar, ainda se percebe um discurso homogêneo, que nega muitas identidades. Assim sendo, ao lançarmos a proposta de considerar elementos da cultura local como prática educativa, estamos tratando de vivências e conhecimentos intergeracionais, de elementos da musicalidade, tais como toques, ritmos e movimento ligados à cultura africana.

Neste texto, relatamos, portanto, a experiência de levar o coco de roda como uma ação educativa na escola, através de oficinas pedagógicas realizadas em uma turma da educação básica da Escola Municipal Antônio Vital do Rêgo, no município de Queimadas. Nosso intuito foi o de valorizar a cultura local e ensinar com o coco de roda, apresentando-o como educativo. Essa prática, representativa do patrimônio imaterial da cidade, é muito rica. Por isso, a escola torna-se um local importante para ensinar seus valores e, principalmente, valorizar a preservação desse patrimônio imaterial.

A metodologia adotada foi a realização de oficinas pedagógicas com uma turma de 7º ano, na qual apresentamos o coco como patrimônio imaterial da cidade de Queimadas, objetivando preservá-lo. Buscamos construir identidade através das

histórias dos/as praticantes do coco de roda, além de levar os/as discentes a acionar as suas lembranças e valorizar esta prática, atinando para a relevância herdada de outras gerações através de expressões e comportamentos muitos ricos, passando a pertencer a seu povo, sua localidade e sua nação.

No primeiro momento, aconteceu uma interação com a turma, do qual todos/as participaram. Em seguida, apresentamos o objetivo da oficina aos/às alunos/as. No decorrer da primeira oficina, os/as alunos/as ficaram muito atentos, chegando a relacionar muitas das imagens do recurso utilizado com situações de sua vida cotidiana. As imagens dos slides eram de lugares com relação aos quais muitos/as dos/as discentes que assistiram à oficina guardavam na memória alguma vivência individual ou coletiva.

Enquanto facilitadores, percebemos o interesse dos/as alunos/as, que sempre recorriam à memória e apresentavam situações que, embora individuais, construíam os espaços da cidade, bem como faziam referência a momentos familiares. Eles/as, de maneira simples e dinâmica, aprenderam o conceito de patrimônio e a importância de preservá-lo. Além disso, passaram a conhecer os diferentes tipos de patrimônio.

Em um segundo encontro, os/as alunos/as trouxeram fotografias de momentos e lugares importantes para a vivência deles/as. Foram orientados/as a escrever, em folhas de papel sulfite, sobre aquele momento fotografado de suas vidas. Após todos/as escreverem suas histórias, a turma foi dividida em dois grupos, um sob a orientação da professora titular da turma e outro sob nossa orientação. Depois de anunciar que iríamos elaborar uma espiral do tempo, cada orientador/a de grupo, juntamente com sua equipe, utilizou uma cartolina para colar momentos da memória dos/as alunos/as.

Em seguida, foram eleitos dois representantes de cada grupo para fazer a leitura dos depoimentos. Nesse momento, todos/as ouviam com atenção as narrativas de cada um dos colegas. No final das apresentações, os trabalhos foram expostos no mural na sala e todos/as ficaram atentos às narrativas de cada grupo. O contato com o coco de roda no espaço da escola aconteceu através de vídeos de apresentações, bem como através de depoimentos de seus/suas praticantes, mostrando a tamanha importância do coco na vida dessas pessoas. Para tanto, passou-se pela localização da prática, na zona rural, mais especificamente no Sítio Verdes, até a construção de sua própria história com a mobilização da memória.

Depois de conhecerem a dança como manifestação cultural, os/as discentes passaram a entender que, mesmo não estando registrado nos livros didáticos, o coco de roda é uma abordagem importante para a valorização do patrimônio local. Ademais, ele traz o limiar da memória de todos/as que viveram e vivem momentos muitos significativos, que não se resumem apenas a um lugar de pertencimento, mas, sim, a um meio de preservação e valorização da cultura. Nesse patamar, a escola atua como uma ferramenta difusora e mediadora de uma educação patrimonial, que encontra no seu espaço um meio muito útil de mostrar que tudo educa, até mesmo elementos do coco de roda.

No momento em que os/as alunos/as tiveram contato com o coco de roda, através de um vídeo, perceberam muitos traços da cultura africana, como, por exemplo, os sons característicos de instrumentos rústicos pertencentes à cultura dos/as cativos/as, que expressavam os seus sentimentos através de batuques ou das músicas cantadas no cotidiano. Os/as educandos/as ficaram encantados/as com os passos da dança, que, para eles/as, foi um momento de diversão, pois pediram para, após a apresentação, realizar em grupo uma representação da dança entre os/as estudantes envolvidos/as.

Para esses/as discentes, o coco passou a ser visto como uma dança rica e cheia de características da cultura brasileira, principalmente pelo fato de carregar muitos traços da cultura africana. Eles/as foram levados/as à compreensão de que a cultura local é híbrida, contemplando diversas culturas produzidas no decorrer do tempo. O primeiro contato real entre os/as estudantes e os/as praticantes do coco de roda se deu no ambiente escolar a partir dos depoimentos dos/as dançadores/as sobre as vivências de longa data no saber-fazer da dança.

A valorização do patrimônio cultural, a exemplo do coco, é viabilizada pelas histórias contadas, a prática do ritual e as expressões consagradoras da dança. Esta se inscreve enquanto elemento do patrimônio imaterial e guardiã da memória de um grupo, representativo da produção dos bens gerados pela comunidade conservadora de suas vivências e práticas para as futuras gerações. Assim, ao apreciar essa importante manifestação cultural como um meio de educar, estaremos apoiando os/as dançadores/as, no sentido de divulgar a sua arte e erigir um público, fatores indispensáveis para dar continuidade à tradição.

Diante dessa ação, julgamos estar investindo na educação básica ações concernentes à lei n. 10.639/03, através da valorização da diversidade étnico-racial

a partir de uma política de inclusão e valorização das diferenças mediante a viabilização de uma política pedagógica sensível à riqueza da diversidade cultural existente em nosso país.

Ao estudarmos o coco de roda, deparar-nos-emos com a história local, principalmente do espaço no qual se fixou a dança e passou a criar suas características, as quais, até hoje, testemunham continuidades e também rupturas. Desta feita, compreendemos a história local como uma importante difusora do patrimônio histórico, especialmente por dar visibilidade à história da comunidade. Essa história do vivido, contada pelos/as integrantes do coco de roda, traz à tona lembranças e vivências de acontecimentos formidáveis, porque, diante de suas múltiplas interpretações, constroem significados.

A leitura feita através da recuperação do passado pelos/as integrantes do coco estabelece uma forma de pensar e atribuir sentidos às transformações vividas no decorrer do tempo, diante de seus pontos de vista e das intervenções e mudanças visíveis no espaço. Logo, tornaram-se imprescindíveis elementos como fotografias, lugares de memória e personagens importantes de momentos que deixaram suas marcas e, principalmente, ficaram guardados na lembrança. Sabemos, outrossim, que a memória sofre interferência dos ritos, das crenças e da afetividade, especialmente por identificar a identidade nacional. Disto decorre que,

a partir dessas mudanças comportamentais que vão se construindo, há um crescimento considerável da busca de informações sobre o passado e sobre os bens que o documentam, fazendo aumentar em linha crescente o repertório de bens patrimoniais que denotem a construção da cultura que se quer conhecer e valorizar (MENESES, 2006, p. 37).

A herança da prática do coco de roda é rica em símbolos, por se dar a partir da história e da própria vida dos/as praticantes dessa forma de expressão cultural. Assim sendo, a vida cotidiana passa a criar espaços na memória com a intenção de construir e preservar essa cultura riquíssima praticada na cidade de Queimadas.

Por conseguinte, as oficinas aplicadas com os/as alunos/as da educação básica, além de fomentar um maior valor a uma expressão cultural tão singular, também possibilitaram o respeito às diferenças no processo educacional, através da inclusão de temáticas que geram identificação e senso de pertencimento por parte

dos/as discentes. Nesse patamar, nossa pesquisa evidenciou que, ao trazermos o estudo do coco de roda enquanto representação cultural da cidade, traços da cultura africana puderam ser dados a conhecer por diferentes sujeitos. Portanto, é uma experiência possível que, através da escola, sejam empreendidas ações desta estirpe, com vistas à preservação das tradições locais e das heranças e identidades populares.

CAPÍTULO 3

A ESCOLA E O COCO DE RODA: PRÁTICAS EDUCATIVAS

FIGURA 07: Colaboradores/as da pesquisa in loco.



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

*Eu tava na peneira
Eu tava peneirando
Eu tava numa boa
Eu tava namorando.
(Farinhada, de Luiz Gonzaga)*

Diante da importância das religiões de matriz africana no Brasil, buscamos, a partir do nosso universo de estudo, enfatizar os aspectos que contemplam traços dessas religiões e sua importância diante do contexto da formação da identidade do grupo e da cultura do nosso país.

O coco de roda de Queimadas, através da dança e do ritmo, apresenta muitos traços da cultura africana. Nesse sentido, o batuque e os passos, juntamente com os ritmos sincronizados, permitem a leitura de muitos gestos valiosos, que nos fazem compreender o papel desempenhado pelos/as praticantes, bem como suas relações com a religiosidade.

A prática do coco tem uma aproximação com as congadas, possuidoras de aspectos africanos de origem banto, remetendo também à religiosidade católica, pois, tanto no coco quanto no congado, canta-se e dança-se com os ternos ao som de músicas sagradas. Essa aproximação existente entre o congado e o culto aos antepassados, ou aos santos católicos, tais como Nossa Senhora do Carmo, Santa Efigênia, São Jorge e São Sebastião, é presente na prática do coco, tendo em vista que muitas apresentações acontecem nas novenas dedicadas aos santos católicos, especialmente na novena de São Sebastião, representado, no candomblé, por Oxossi. Esta novena acontece no Sítio Verdes há mais de 100 anos, iniciada pelo mestre Zé Zuca, que trouxe essa prática da cidade pernambucana de São Vicente Férrer. E a tradição segue viva até hoje.

Na novena dedicada a São Sebastião, ocorre todo o ritual religioso católico, no qual os/as dançadores/as de coco acompanham a celebração cantando juntamente com o terno. Após toda a celebração, tem início a dança de coco, que acontece ao redor da bandeira do santo. A celebração perdura o restante da noite, findando apenas no raiar do novo dia.

No decurso dessas considerações, o coco de roda faz-se presente em muitos espaços, não sendo exclusivamente uma manifestação religiosa, mas de natureza híbrida. Os/as praticantes da dança possuem perfis diferenciados. São brancos/as, negros/as e, em sua maioria, pessoas humildes que sobrevivem da agricultura ou da aposentadoria rural. O valor de pertencimento do grupo dá-se principalmente pela renovação, não deixando de fora o laço familiar presente. Sempre há um familiar do mestre Zé Zuca envolvido na dinâmica do grupo. Trata-se de um papel importante o de perpetuar a tradição, ao mesmo tempo em que se está aberto à renovação. Essa capacidade se justifica porque cada grupo se entende como único em sua

identidade, já que “a diferença de um em relação ao outro é tão expressiva quanto a igualdade veiculada pela evidência da prática religiosa” (PEREIRA, 2007, p. 75).

Apesar de a religiosidade não ser o elemento principal do coco de roda, podemos fazer diversas leituras a partir do lugar social dos/as praticantes, além das características particulares do cotidiano desses sujeitos. Percebemos muitos elementos advindos da cultura afro-brasileira: não apenas a dança, mas também os costumes e a musicalidade, além do apreço à tradição de manter vivas as suas características desde o início, quando o mestre Zé Zuca iniciou a prática na localidade. Há uma ligação muito evidente entre os africanos e a oralidade, pois os acontecimentos são lembrados pelos/as mais velhos/as a partir de narrativas, as quais enfatizam os traços deixados pela prática do coco e a relação com a sua própria vida, tanto no âmbito individual como familiar, confundindo-se com a história do coco de roda.

No tocante às religiões afro-brasileiras, os/as representantes do coco não se consideram adeptos/as, embora exista um elemento sincrético referente aos costumes dos/as afrodescendentes inseridos/as no seu dia-dia. Exemplo disto é a devoção a determinadas entidades ligadas à crença afro-brasileira demonstrada por alguns/as praticantes. Muitos/as dançadores/as usam amuletos, acreditando protegê-los/as dos males. Entretanto, todos/as os/as integrantes do grupo autodeclaram-se católicos/as.

Mesmo se dizendo católicos/as, torna-se comum, entre os/as dançadores/as, a crença na reza das benzedeiças, para retirar o mau-olhado. Muitos/as consideram que a reza e demais conhecimentos da tradição popular podem ajudar a curar a “espinhela caída”. Outro costume comum entre eles/as são os banhos de ervas para limpar os males do corpo, bem como acender velas para os santos em determinadas épocas ou dias da semana, práticas integrantes, portanto, do *métier* local.

Um elemento fortemente vinculado ao coco de roda de Queimadas são as novenas de terno. Essas celebrações antigas existem ainda hoje, abrigando as mesmas tradições. Sempre, após as rezas, tem início o coco. Os músicos do coco são os mesmos que acompanham toda a novena dedicada ao santo. A novena é geralmente realizada numa residência, cujo costume determina que a festa aconteça todos os anos sempre na mesma casa. Após a novena, o dono da casa retira a sorte. Esse passo consiste em recolher doações voluntárias dos participantes, para, assim, ajudá-lo, por meio das ofertas recebidas, a dar continuidade ao evento.

Vale ressaltar que, no município, já existiram outros cocos, a exemplo daquele da localidade do Sítio Caixa de Água. Segundo conversas informais com idosos/as da região, dele não participavam mulheres. O coco era dançado apenas por homens, que celebravam a festa de Santa Ana, avó do Menino Jesus.

Corroborando o pensamento de Sanchis (1983, p. 33), “as novidades se confundem com as latências antigas”. Fica visível, então, a busca por elucidar a diversidade da história do coco, no cerne da qual o saber popular, e até mesmo a religião, confundem-se. Não se pode, contudo, incorrer em generalizações, pois este contexto cultural abriga muitas particularidades. Deve-se levar em conta, sobretudo, que

a religiosidade popular não se pende as normas universalizadas da doutrina, mas, pela tradição reinventada, ela se constitui em um sistema de constelação que admite a diversidade como sua linha de equilíbrio. O constelado da religiosidade popular não cabe na leitura institucionalizada das grandes religiões porque se revela como um sistema alternativo. Alternativo no sentido do que não representa a cúpula do modelo social dominante, mas se opõe a ele dialoga em circunstâncias específicas. (PEREIRA, 2007, p. 74).

Vimos, anteriormente, que o coco de roda está ligado sempre à novena de terno. Por esse motivo, a dança pode ser considerada uma prática sincrética, integrando elementos da cultura banto e também do catolicismo.

FIGURA 08: Cantadores do grupo de coco, com seus instrumentos.



Fonte: Arquivo do Ponto de Cultura Municipal.

Os batuques produzidos pelos/as negros/as passaram a ser vistos com um olhar mais atento. Quando os/as escravos/as deram início à prática dos batuques, no século XVI, durante o período colonial, estes eram tidos apenas como momentos de descontração, dedicados a reviver os costumes originais. Mesmo marcando presença muitas práticas religiosas, os rituais e danças dos/as negros/as, para os portugueses, eram apenas momentos de lazer, não havendo quanto a eles nenhuma restrição.

Esse olhar inofensivo, contudo, sofre mudanças a partir do século XVIII. As autoridades passam a ver os cantos, danças e ritmos da percussão do ritual religioso mediante uma perspectiva de interdição. Diante da não aceitação dos batuques no espaço próximo das senzalas ou da casa grande, os/as escravos/as passam a buscar alternativas para dar prosseguimento às suas práticas devocionais. E começam a realizar as festas e cerimônias religiosas em clareiras da mata. Essa prática tornou-se muito comum e chegou até o tempo presente. Resquício disto é o fato de que muitos terreiros na Bahia são denominados de roça.

Os batuques passaram a atrair cada vez mais brancos/as e mulatos/as menos favorecidos/as das vilas e dos espaços citadinos. O som, as coreografias, bem como os cantos, além da própria viola trazida pelos europeus, eram fatores atraentes para essas populações. Mesmo essas danças e músicas sendo vistas como tradições folclóricas, foram primordiais no espaço urbano as relações proporcionadas pelas influências de outras culturas, congregando elementos das tradições crioulo-africanas e branco-europeias.

A umbigada está presente em diversas danças crioulo-africanas, a exemplo do coco e do lundu, sendo todas essas danças uma representação do continente africano, repleta de rituais e simbologias. Uma característica comum entre elas são traços que representam o ritual do lembamento, uma cerimônia de casamento entre os/as negros/as. No contexto da cerimônia, a noiva passava por momentos de reclusão, antes da realização do casamento e também na apresentação da nova mulher casada. A umbigada fazia-se presente e era vista por quem não conhecia o *métier* do ritual como dança desonesta, de cantigas obscenas. Os estrangeiros ficavam escandalizados diante da dança, para eles, erótica e ligada a ritos sexuais.

No Brasil, no final do século XVIII, os batuques, como eram denominados pelos portugueses, evidenciaram-se muito a partir das rodas de negros/as, nas quais eram executados vários passos da umbigada, com diversas coreografias. É

interessante notar que, neste momento, esses espaços passaram a ser frequentados com mais assiduidade por brancos/as e mulatos/as. A partir desse encontro de culturas, surgem novas danças e cantos nacionais, a exemplo das três primeiras danças criadas por brancos/as e mestiços/as no Brasil: a fofa, o fado e o lundu.

Essas danças, aqui ganhando espaço, começam a unir as comunidades em prol de se criar uma cultura e uma identidade próprias diante da realidade na qual estavam inseridas. Assim, eventos e festas como o coco de roda e as novenas de terno passaram a fazer parte do seu cotidiano, perpassando gerações e unindo a cultura africana, com suas ressignificações, à cultura brasileira, ainda nascente. Dessa forma, os/as afro-brasileiros/as representaram suas ligações de pertencimento a uma cultura que, embora seja local, é plural e igualmente rica em simbologias.

A Escola Municipal Antônio Vital do Rêgo, localizada em Queimadas, foi fundada em 12 de março de 1998, com o nome de Escola Municipal Francisco de Assis Maciel Lopes, sendo a maior unidade escolar do município. Funciona nos três turnos, atendendo alunos/as das zonas rural e urbana na modalidade do Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos.

Atualmente, possui 1.200 alunos/as matriculados/as, em sua maioria da zona rural. Inclusive, muitos/as filhos/as e netos/as dos/as praticantes do coco de roda estudam nesta instituição. A escola possui em seu quadro docente 40 professores/as, dentre os/as quais oito lecionam o componente curricular História.

A preocupação com a aplicabilidade da lei n. 10.639/03 na escola partiu da iniciativa da professora da turma do 7º ano, que nos recepcionou em sua turma e auxiliou durante as atividades em sala e no planejamento das oficinas. Contando igualmente com o apoio da gestora Rachel Castanha, a escola, munida do espírito de educar para a vida, possibilitou a realização das oficinas em seu espaço, registrando ainda a participação dos/as alunos/as, conforme atesta a Figura 09 a seguir:

FIGURA 09: Alunos/as assistindo à oficina realizada.



Fonte: Arquivo particular do pesquisador.

A escola permitiu aos/às alunos/as perceber a diversidade que formou a nossa cultura. Não só o colonizador, mas também o negro africano e os indígenas atuaram como formadores da nossa identidade.

Assim, despertamos o senso crítico dos/as nossos/as alunos/as e os/as fizemos buscar as suas origens, levando-lhes a perceber o valor desses três mundos para a formação do povo brasileiro. É sabido que muitos desses povos se encontram atualmente presentes em nosso cotidiano, enriquecendo-o com suas tradições, costumes, vocabulário, culinária, religião, entre tantos outros fatores.

Observamos que a escola passou a valorizar a cultura afro-brasileira, apresentando o papel social do/a negro/a como produtor/a da cultura. Nesse diapasão, a formação social e cultural no contexto da instituição pôde proporcionar reflexões sobre a sociedade brasileira, principalmente no tocante às maneiras de repensar atitudes preconceituosas e racistas, além de construir identidades pela prática da dança, como o coco de roda.

Pensando em perenizar a tradição do coco de roda de Queimadas, apresentamos a diferença do nosso povo. Embora seja uma dança de características africanas, o coco abriga traços do catolicismo e também profanos. Nesse sentido, ao valorizarmos essa tradição popular, estamos contemplando uma arte que atravessa gerações.

A escola é um espaço multicultural. Logo, ao proporcionar a reflexão sobre as permanências e continuidades, estimulou os/as alunos/as a pesquisar, no próprio seio familiar, a relação da sua descendência com o coco de roda, passando a existir um sentimento de pertença e, principalmente, o empoderamento do senso de respeito pela dança. Vale salientar que essa familiaridade com a prática do coco só foi possível devido à sua relação com os laços familiares dos/as discentes, pois muitos/as deles/as possuíam tios, pais, avós, primos ou um parente próximo que dançava coco de roda.

Através de um material didático planejado para aquela dada realidade, possibilitamos ao/à aluno/a pensar sobre os diferentes tipos de patrimônio, sempre apresentando como exemplo a sua realidade e evidenciando o passado como uma causa interessante.

Na escola, a oficina procurou evidenciar valores da cultura com o objetivo de não reproduzir o discurso da inferioridade, levando para o espaço de aprendizado a cultura local do coco de roda, bem como a inserção social e a afirmação da cidadania. Apresentamos a importância da valorização do/a negro/a para a afirmação da sua cultura, que é símbolo de resistência. Então, aspectos culturais tais como o afoxé, o maracatú, o maculelê, o coco, o samba de coco e a congada foram evidenciados como manifestações da cultura negra (CHAGAS, 2008, p. 03).

A abordagem dos conteúdos proporcionou uma discussão rica na escola, a qual não ficou restrita apenas à turma em que foi aplicada a oficina. A aprendizagem sobre a cultura negra, os/as dançadores/as do coco e o patrimônio foi democratizada para os demais membros da comunidade escolar, contemplando professores/as e também os familiares.

Entre os subsídios metodológicos para a inclusão da temática, destacamos a espiral do tempo, a partir da qual os/as educandos/as puderam expressar as suas memórias individuais e expressá-las para o coletivo em sala de aula. A aceitação desta metodologia por parte dos/as alunos/as foi relevante, posto que houve grande participação deles/as nas atividades propostas, tanto em sala como em contextos extraescolares.

FIGURA 10: Mural da memória, atividade apresentada pelos /as alunos/as durante a oficina.



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

Ao tratarmos, na escola, a cultura afro-brasileira no ensino de História, estamos oferecendo a nossa contribuição para eliminar a visão preconceituosa existente há muito tempo em relação ao/à negro/a e sua história. Nesse sentido, muitos estereótipos e visões depreciativas devem ser dirimidos, principalmente porque temos uma dívida histórica com os/as negros/as, pois, por mais de trezentos anos, eles/as foram escravizados/as e privados/as de muitos direitos. Essa valorização no espaço da escola ainda é pequena em relação à nossa dívida com esses/as guerreiros/as que muito contribuíram para a formação do Brasil.

A instituição escolar, a partir do momento em que inclui no currículo a educação étnico-racial, está desenvolvendo políticas de ações afirmativas. E assim, percebe-se a importância de compreendermos como a nossa cultura foi influenciada pelos/as africanos/as. Através da identificação e da realidade dos/as alunos/as, podemos abordar a luta do povo negro para se afirmar e inserir seus valores na sociedade. Ações desta estirpe contribuem para que a dança e o ritmo do coco não sejam estranhos aos/às alunos/as, reforçando a compreensão e o significado da prática cultural para a realidade nacional.

No Brasil, hoje, as nossas escolas possuem alunos/as de todas as etnias. Mas, durante muito tempo, na nossa história, os/as afrodescendentes não tiveram acesso à escola. Então, com a implementação de políticas étnico-raciais no âmbito escolar, buscamos oferecer cada vez mais visibilidade aos ensinamentos da cultura

negra e de seus/suas descendentes no conteúdo escolar, além de legitimar essa história, deixando à margem os “silenciamentos” e “esquecimentos” desse povo que muito somou para o entendimento de nossa cultura atual.

Por outro lado, apesar da existência da obrigatoriedade da lei n. 10.639/03, no ano de 2004 foi lançado um texto que apresenta algumas orientações para a implementação, na escola, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Parecer CNE-CP 003/2004). Nesse documento, é evidenciada a base legal, apresentando artigos da Constituição Federal, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, do Estatuto da Criança e do Adolescente e do Plano Nacional da Educação. Com relação à sociedade, há de se considerar as demandas e reivindicações do Movimento Negro. A lei 10.639/2003 é destinada aos/às gestores/as do sistema educacional, escolas, professores/as, estudantes, pais e todos os/as cidadãos/ãs preocupados/as com a educação.

Entre os princípios contidos nas Diretrizes para a Educação étnico racial, figuram a consciência política e histórica da diversidade, o fortalecimento de identidades e do direito. As metas a serem alcançadas primordialmente visam ao intuito de oferecer uma resposta, no campo da educação, à população afrodescendente, através de políticas afirmativas para reparar e valorizar a sua história, cultura e identidade, além de fomentar o direito dos/as negros/as de expressar suas visões de mundo e manifestar seus pensamentos, sua autonomia individual e coletiva. O discurso oficial, por meio da elaboração das Diretrizes..., sinaliza para a garantia de uma educação de qualidade, com escolas mais bem equipadas e professores/as preparados/as para conduzir a reeducação das relações entre os diferentes grupos étnico-raciais (BRASIL, 2004).

O referido documento busca, por meio de seus eixos e fundamentos, reparar, reconhecer e valorizar a cultura afro-brasileira. Na perspectiva de reparação, deixa claro o dever do Estado e da sociedade em combater toda iniciativa de racismo e preconceito. Para haver um melhor reconhecimento desta causa, busca-se uma melhor igualdade de direitos sociais, culturais e econômicos para a valorização da diversidade, quebrando estereótipos depreciativos e palavras de teor violento que expressem um sentimento de superioridade em relação aos/às negros/as. Já a valorização ocorre pelo respeito às pessoas negras e sua descendência africana, cultura e história.

Como podemos compreender, as diretrizes auxiliam a escola a exercer o papel de instituição, e cada vez mais as ações depreciativas do/a negro/a passam a ser combatidas nesse espaço plural, onde convivem diferentes culturas. No entanto, é sabido que todas essas leis promulgadas em prol da valorização dessas culturas, tais como a afro-brasileira e a indígena, têm um valor jurídico, representando a voz do governo brasileiro no tocante a esta questão. Todavia, o país ainda se mostra carente no campo da prática efetiva do que já se encontra registrado na letra da lei.

A escola, contudo, apesar de suas fragilidades, passou a valorizar mais a cultura afro-brasileira, apresentando o papel social do/a negro/a como produtor/a da cultura. Sua formação social e cultural na escola proporciona reflexões para a sociedade brasileira, principalmente acerca das maneiras de repensar atitudes preconceituosas e racistas. Nesse patamar, é igualmente possível construir identidades práticas, a exemplo do coco de roda, pois,

no âmbito do debate aqui proposto, importa destacar que a construção da identidade é um fenômeno histórico. Partimos do entendimento de que a construção da identidade deriva de um processo que engloba a dinâmica da relação indivíduo- sociedade. É desse modo que o debate sobre a questão da identidade chega a cada um de nós. Em resumo, devemos assinalar que, no caso da nossa sociedade, não é possível falar de uma identidade sem considerar a dinâmica de nossas relações raciais (SILVA, 2008, p. 39).

Nessa perspectiva, os grupos étnicos buscam privilegiar as suas identidades em virtude das identidades hegemônicas. Conforme defendem Moreira & Câmara (2008, p. 39),

além da afirmação de suas identidades, tais grupos sociais têm procurado desafiar a posição privilegiada das identidades hegemônicas. Nesse cenário, desenvolve-se uma política de identidade, com as antigas formas de ancoragem da identidade em evidente crise.

FIGURA 11: Sr. Geraldo, ou “Geraldo Preto”, como é conhecido. Um dos líderes do grupo de coco de roda de “seu” Zé Zuca.



Fonte: Acervo do Ponto de Cultura Municipal.

O Sr. Geraldo toca e também canta no grupo. Afirmou, através de entrevista, que desde a infância dança o coco de roda e que conheceu o responsável pela dança no Sítio Verdes, Zé Zuca. O colaborador tem 61 anos e, durante a entrevista, dialogava muito com sua esposa, também dançarina de coco, a Sra. Luzia, de 51 anos. “Derne (*sic*) quando eu me entendi de gente que eu danço samba de coco” (informação verbal¹⁰).

Sobre Zé Zuca, o Sr. Geraldo afirmou que seguia os ensinamentos do mestre e que aprendeu muito com ele, inclusive as músicas.

Os traços que ele... os coco que ele cantava foi o que eu peguei. Tudo que ele cantava, esses negócio de ciranda, coco de mergui (*sic*), coco de roda, aprendi tudo com ele. Que o primeiro chefe dessa turma nova, só quem pegou foi eu. Foi tudo dele, eu aprendi tudo com ele (informação verbal¹¹).

¹⁰ PRETO, Geraldo. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Geraldo Preto sobre a sua relação com a tradição do coco de roda no município de Queimadas-PB. p. 01; 10 de janeiro de 2013. Entrevista concedida a Tiago dos Santos Freitas.

¹¹ Id. p. 02.

De acordo com a Sra. Luzia, “eles coisavam, é, menino, negócio de caeira. Faziam a caeira e passavam a noite queimando aquele tijolo” (informação verbal¹²). O Sr. Geraldo também nos falou que o coco possui instrumentos, a exemplo do triângulo da caixinha, chamado de tarô, além da zabumba e do prato, o qual foi acrescentado recentemente.

Acompanhado de sua esposa, o Sr. Geraldo dissertou sobre o que representa o coco de roda em sua vida: “Rapaz, o coco é o seguinte: tem inflação boa, pra mim, né? Porque esse coco nasceu assim, através de novena de terno, depois da novena é que nós tem samba de coco” (informação verbal¹³). A esposa do colaborador, por sua vez, asseverou: “Tem coisa melhor não, visse? Se a pessoa não saber brincar, brincou uma vez, gostou. Portanto, não perde mais, não. Num quer sair mais, não”. (informação verbal¹⁴).

O Sr. Geraldo relatou um momento importante que ele guarda na memória, e que diz respeito ao reconhecimento do coco de roda:

Tirei em primeiro lugar, lá dentro do Ceará, porque dentro de coquista, onde tem é lá. É o seguinte: conforme eu fui pra Pernambuco, cheguei em Pernambuco, achei os coco de lá diferente, e esses coco que eu canto veio de lá, veio de Pernambuco, foi o finado Zé Zuca que trouxe. Ele morava pra lá e trouxe. Ciranda, coco e os coco de roda, coco de mergui, veio tudo de lá. E eu fui pra lá e cheguei lá e tirei em primeiro lugar. E fiquei olhando os coco dos outros é muito diferente, as danças é ao contrário. Aí tem umas danças bonitas, eu gostei. É assim, cada um lugar, cada um setor tem um, né, diferente (informação verbal¹⁵).

Através dessa fala, fica evidente a particularidade do coco de Queimadas em relação aos demais, cada um investido de uma identidade própria. Além disso, destaca-se ainda o reconhecimento do grupo através da participação em eventos ligados à tradição, inclusive em outros Estados.

¹² LUZIA. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista da Sra. Luzia sobre a sua relação com a tradição do coco de roda no município de Queimadas-PB. p. 01; 10 de janeiro de 2013. Entrevista concedida a Tiago dos Santos Freitas.

¹³ PRETO, Geraldo. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Geraldo Preto sobre a sua relação com a tradição do coco de roda no município de Queimadas-PB. p. 02; 10 de janeiro de 2013. Entrevista concedida a Tiago dos Santos Freitas.

¹⁴ Id. p. 02.

¹⁵ Id. p. 03.

O coco acontece em um momento festivo, ocasião em que se verifica uma interação com todos os/as participantes e com a comunidade, rompendo com o lugar-comum. Brincadeira, diversão e devoção passam a integrar um momento único, no qual a arte torna-se fundamental. E assim, esses sujeitos sociais buscam perpetuar a tradição e a sua identidade.

Percebemos, nas festas religiosas em que se dança o coco de roda, a devoção das pessoas que organizam esses eventos por cada santo católico, denotada através das rezas, louvores e, posteriormente, pela alegria e pelo ritmo da dança. Destarte, o coco de roda vai conquistando o seu espaço, sendo imprescindível a valorização dessa rica expressão cultural.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho proporcionou a percepção das possibilidades didático-pedagógicas assinaladas pela aprendizagem da história local no ensino de História, conduzindo-nos a abordar a cultura e a história local na escola, além de trabalharmos com os/as alunos/as a importância da educação patrimonial por uma melhor valorização do coco de roda de Queimadas-PB.

As oficinas pedagógicas permitiram, de maneira lúdica, ensinar, através da cultura do coco de roda, valores como patrimônio e memória em uma turma do Ensino Fundamental II, favorecendo o envolvimento dos/as educandos/as com a preservação da cultura local e o sentimento de pertença. Nossa atuação nos mostrou, como resultado, que uma cultura que muitas vezes não era enxergada pelos/as discentes passou a ser vista mediante um olhar mais valorativo.

Acreditamos que esse estudo fará com que o coco de roda seja valorizado e que, através de suas histórias, possa levar à escola uma tradição advinda da zona rural do município que incorpora traços da cultura afro-brasileira, educando pela sua história e pelos sujeitos praticantes da dança. A metodologia das oficinas favoreceu o reconhecimento da dança, que passou a ser vista como uma rica expressão cultural. Ademais, tornou-se claro para os membros da comunidade escolar que a instituição tem um importante papel na preservação do legado e das tradições representadas pelo coco e viva na memória de seus/suas praticantes.

Ao que nos consta, o presente estudo é inédito, pois, além de apresentar a história do coco de roda na interface com o patrimônio e a memória, acentua a importante atribuição da escola em contribuir para a preservação da história e da cultura afro-brasileira. Com esta pesquisa, pretendemos conferir visibilidade à história do coco e ao papel da escola com vistas à valorização da cultura local através de uma educação patrimonial e da memória. Tal procedimento permite à instituição abordar, de maneira mais significativa, os estudos étnicos e a cultura afro-brasileira no currículo, em conformidade com a lei n. 10.639/03.

O trabalho contribui para a escola inserir posteriormente as discussões da temática no seu ambiente proporcionando um currículo mais participativo e valorizando as diferentes culturas e principalmente a afro brasileira. Assim essa

atividade não ficou restrita a escola. A secretaria Municipal de Educação também passou a trabalhar a temática com os professores nas formações continuadas.

A cultura quando trabalhada com os alunos proporciona uma melhor aprendizagem e vontade de aprender e principalmente quando a cultura é viva e muitos conhecem há muito tempo e não sabiam o seu valor e a sua representação.

O ensino de maneira planejada e lúdica dos valores locais e da cultura na escola traz a realidade do vivido como meio de aprender a partir dos valores que vem sendo passado de geração e geração e não devem ser esquecidos e sim valorizados porque faz parte de suas histórias individuais e coletivas.

Por fim, para a história de Queimadas, esse trabalho registra o coco de roda através do olhar e da memória dos/as praticantes da dança, bem como os aspectos da cultura afro-brasileira e seu valor patrimonial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n.10.639/03**, 09 de Janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Ministério da Educação, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMT, 2006 (Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias).

CHAGAS, Waldeci Ferreira. Formação docente e cultura afro-brasileira. **Revista África e Africanidades**, ano I, n. 03, nov. 2008.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

HOBBSAWN, Eric. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: _____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MENESES, Jose Newton Coelho. Olhares sobre a memória: monumento histórico e turismo. In: _____. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CÂMARA, Michele Januário. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. Cultura. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2010.

ONU. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. UNESCO, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540s.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.). **O saber histórico na sala de Aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Malungos na escola**: questões sobre a cultura afrodescendente e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, v. 2. Rio de Janeiro, 1989.

SANCHIS, Pierre. **Arraial**: festa de um povo; as romarias portuguesas. Tradução: Madalena Mendes de Matos. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SANTIAGO, Rodrigo Peronti. **Memória e patrimônio cultural em ambientes virtuais**. 2007. . Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2007.

SILVA, Maria Palmira da. **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.